

OUTUBRO 2008 • XLIII • nº 415

CONVERGÊNCIA



- Vinde e vede. Os primeiros discípulos: André, João e Pedro (cf. Jo 1,35-42)
- Espiritualidade da liderança na Vida Consagrada
- Interlocuções entre o processo formativo na Vida Religiosa, a espiritualidade e a psicanálise
- O dom da grande pesca. A última aparição de Jesus aponta para o ser missionário da comunidade (cf. Jo 21,1-14)

Editorial

Vocação é vivida sempre na perspectiva da missão.....	593
---	-----

Palavra do papa

Mensagem do papa Bento XVI para o Dia Missionário Mundial de 2008 “Servos e apóstolos de Jesus Cristo”.....	596
--	-----

Informes

XXIII Jornada Mundial da Juventude	602
Aquisição da sede própria da CRB-Regional Brasília.....	605
Congresso Americano Missionário 3 – COMLA 8. “América com Cristo Escuta, Aprende e Anuncia”	610
Escolhida de Deus, caminha conosco, teus filhos e tuas filhas consagrados(as).....	612
Seminário da CEN.....	614

Artigos

Vinde e vede. Os primeiros discípulos: André, João e Pedro (cf. Jo 1,35-42) – AGENOR GIRARDI, MSC.....	616
Espiritualidade da liderança na Vida Consagrada – JOAQUIM PARRON, CSSR	622
Interlocuções entre o processo formativo na Vida Religiosa, a espiritualidade e a psicanálise – JOSÉ DEL-FRARO FILHO	627
O dom da grande pesca. A última aparição de Jesus aponta para o ser missionário da comunidade (cf. Jo 21,1-14) – PAULO SUESS.....	650

A ilustração da capa, de Irineu Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulos e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Ires L. Pontim, fsp

MTb 10.764

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Márian Ambrósio, dp

Conselho editorial:

Ir. Aila Pinheiro de Andrade, nj

Pe. Francisco Taboria, sj

Pe. Jaldemir Vitório, sj

Pe. Cleto Caliman, sdb

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3235-2991 / 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin

Sandra Sinzato

Mônica Elaine G. S. da Costa

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2008: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Outubro, mês que evoca, em nosso imaginário, a dimensão missionária de nossa vocação. A revista *Convergência* deste mês nos convida a uma reflexão ativa a caminho da resposta criativa e fiel a Deus que nos convoca e envia! Lembrando o *Dia Missionário Mundial*, o papa Bento XVI acentua a importância de, mesmo em meio a dificuldades crescentes, “o mandato de Cristo de evangelizar todos os povos permanece[r] uma prioridade. Nenhuma razão pode justificar uma sua diminuição ou uma sua interrupção”. E nós, religiosos e religiosas, somos convocados(as) a ser um testemunho coerente de Cristo no seguimento radical do seu Evangelho.

O “horizonte” — lugar utópico que aponta o caminho para a Vida Religiosa Consagrada — elaborado pela Assembleia da CRB, reunida em julho de 2007, é coroado pela expressão: [...] *partilhando, com espírito missionário, a razão de nossa esperança!* (ver a íntegra do “Horizonte” iluminador para o presente triênio na quarta capa desta edição).

Perseguindo o propósito de aprofundar temas a partir do horizonte e das prioridades para a Vida Religiosa Consagrada no Brasil, *Convergência* apresenta dois artigos que proporcionam chance de estudo, iluminação e partilha à luz de uma verdade fundamental para nossa vida: *vocação-missão*.

Vinde e vede é o artigo de padre Agenor Girardi. É como se estivéssemos fazendo uma memória viva de nosso itinerário vocacional. Os oito versículos estudados e tornados *Lectio Divina* apontam sempre de novo para o fio de ouro

que significa nossa resposta: o encontro fundamental com Jesus, a quem seguimos na fidelidade.

O *dom da grande pesca* converte-se em perfeita continuidade ao texto anterior. Padre Paulo Suess, mais uma vez, sinaliza para a única resposta possível de quem se torna discípulo(o). Mas o autor vai além ao introduzir o subtítulo: a última aparição de Jesus aponta para o ser missionário da comunidade. *Que mudou na cotidianidade da comunidade pós-pascal? [...] os discípulos aprendem no "apanhar nada" e no "apanhar muito", na cruz e na glória que atravessam na vida.* A realidade vivida hoje por nossas comunidades — sejam elas compreendidas na perspectiva da instituição religiosa, sejam elas compreendidas na perspectiva eclesial — movimenta-se nesta mesma dinâmica. Que a pergunta sobre “o que aprendemos na cotidianidade de nossa própria experiência” seja respondida à luz da experiência de discípulas e discípulos de Jesus.

A esses dois textos de orientação vocacional-missionária seguem dois outros na perspectiva da formação permanente. Lembramos que a formação (integral, humanizante e geradora de novas relações) constitui-se na prioridade número 3 da CRB-Nacional para o presente triênio.

Espiritualidade da liderança na Vida Consagrada, artigo escrito por padre Joaquim Parron, é resposta oportuna aos muitos apelos por uma melhor compreensão da originalidade da liderança na Vida Religiosa. *O mundo ensina que os chefes devem impor seu poder, mas, entre nós, que estamos em profunda sintonia com a pessoa de Jesus, a nossa autoridade vem do serviço.* O texto prossegue com uma proposta de reflexão e diálogo, que alterna conceitos novos à metodologia adequada, colocando-nos também diante de fundadoras e fundadores que, muito antes dos tempos atuais, testemunharam o jeito evangélico de exercer a liderança.

Interlocuções entre o processo formativo na Vida Religiosa, a espiritualidade e a psicanálise, artigo escrito pelo doutor José Del-Fraro Filho, constitui perfeita continuidade ao tema anterior. O exercício da liderança, que exercemos em nossas instituições, coloca-nos muitas vezes diante da dificuldade em superarmos as dicotomias entre *fé, psicanálise, espirituali-*

dade e processo formativo. Iniciando com essa constatação, o autor discorre, de forma profunda e sistemática, sobre cada um dos desafios a serem superados nos processos que somos convidadas(os) a encaminhar, no exercício de nossa missão de formadoras(es).

Na esperança do aprofundamento comum das temáticas que nos ocupam neste momento de nossa caminhada, convidamos as(os) leitoras(es) a um olhar sobre os informes contidos na revista. Isto nos fará avançar em comunhão e sentido de pertença.

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, DP
PRESIDENTE DA CRB

Mensagem do papa Bento XVI para o Dia Missionário Mundial de 2008 “Servos e apóstolos de Jesus Cristo”

Queridos irmãos e irmãs!

Por ocasião do Dia Missionário Mundial, gostaria de convidar-vos a refletir acerca da urgência que subsiste em anunciar o Evangelho inclusivamente nesta nossa época. O mandato missionário continua a constituir uma prioridade absoluta para todos os batizados, chamados a ser “servos e apóstolos de Jesus Cristo” neste início de milênio. O meu venerado predecessor, o servo de Deus Paulo VI, já afirmava, na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, que “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (n. 14). Como modelo deste compromisso apostólico, apraz-me indicar particularmente são Paulo, o apóstolo das nações, uma vez que no corrente ano celebramos um jubileu especial a ele dedicado.

Trata-se do Ano Paulino, que nos oferece a oportunidade de familiarizar com este insigne apóstolo, que recebeu a vocação de proclamar o Evangelho aos gentios, em conformidade com quanto o Senhor lhe tinha prenunciado: “Vai! É para longe, para os pagãos que vou te enviar” (At 22,21). Como deixar de aproveitar a oportunidade oferecida por este jubileu especial às Igrejas locais, às comunidades cristãs e a cada um dos fiéis separadamente, para propagar até os extremos confins do mundo “o anúncio do Evangelho, força de Deus para a salvação de todo aquele que acredita” (cf. Rm 1,16)?

1. A humanidade tem necessidade de libertação

A humanidade tem necessidade de ser libertada e redimida. A própria criação, afirma são Paulo, sofre e nutre a esperança de entrar na liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19-22). Essas palavras são verdadeiras também no mundo de hoje. A criação sofre. A humanidade sofre e espera a verdadeira liberdade, aguarda um mundo diferente, melhor; espera a “redenção”. E, em última análise, sabe que este novo mundo esperado supõe um ser humano novo, supõe “filhos de Deus”. Vejamos mais de perto a situação do mundo de hoje. Se, por um lado, o panorama internacional apresenta perspectivas de um desenvolvimento econômico e social promissor, por outro chama a nossa atenção para algumas graves preocupações no que diz respeito ao próprio porvir do ser humano.

Em não poucos casos, a violência caracteriza os relacionamentos entre os indivíduos e os povos; a pobreza oprime milhões de habitantes; as discriminações e, às vezes, até as perseguições por motivos raciais, culturais e religiosos impelem numerosas pessoas a escapar dos seus países para procurar refúgio e salvaguarda alhures; quando não tem como finalidade a dignidade e o bem do ser humano, quando não tem em vista um desenvolvimento solidário, o progresso tecnológico perde a sua potencialidade de fator de esperança e, ao contrário, corre o risco de agravar os desequilíbrios e as injustiças já existentes.

Além disso, há uma ameaça constante no que se refere à relação ser humano-meio ambiente, devido ao uso indiscriminado dos recursos, com repercussões sobre a própria saúde física e mental do ser humano. Depois, o futuro do ser humano é posto em risco pelos atentados contra a sua vida, atentados que adquirem várias formas e modalidades.

Diante de tal cenário, “sentimos o peso da inquietação, agitados entre a esperança e a angústia” (constituição *Gaudium et spes*, n. 4) e, preocupados, interrogamo-nos: que será da humanidade e da criação? Existe esperança para o futuro,

ou melhor, há um futuro para a humanidade? E como será esse futuro? A resposta a essas interrogações provêm-nos do Evangelho. Cristo é o nosso futuro e, como escrevi na carta encíclica *Spe salvi*, o seu Evangelho é a comunicação que "transforma a vida", incute a esperança, abre de par em par as portas obscuras do tempo e ilumina o porvir da humanidade e do universo (cf. n. 2). São Paulo compreendeu bem que somente em Cristo a humanidade pode encontrar a redenção e a esperança.

Por isso, sentia impelente e urgente a missão de "anunciar a promessa da vida em Jesus Cristo" (cf. 2Tm 1,1), "nossa esperança" (cf. 1Tm 1,1), a fim de que todos os povos possam participar na mesma herança e tornar-se partícipes da promessa por meio do Evangelho (cf. Ef 3,6). Ele estava consciente de que, desprovida de Cristo, a humanidade permanece "sem esperança e sem Deus no mundo (Ef 2,12), sem esperança porque sem Deus" (*Spe salvi*, n. 3). Com efeito, "quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. Ef 2,12)" (*Spe salvi*, n. 27).

2. A missão é uma questão de amor

Por conseguinte, anunciar Cristo e a sua mensagem salvífica constitui um dever premente para todos. "Ai de mim," afirmava são Paulo, "se eu não anunciar o Evangelho!" (1Cor 9,16). No caminho de Damasco, ele tinha experimentado e compreendido que a redenção e a missão são obra de Deus e do seu amor. O amor de Cristo levou-o a percorrer os caminhos do Império Romano como arauto, apóstolo, anunciador e mestre do Evangelho, do qual se proclamava "embaixador aprisionado" (cf. Ef 6,20). A caridade divina tornou-o "tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo" (cf. 1Cor 9,22).

Considerando a experiência de são Paulo, compreendemos que a atividade missionária é a resposta ao amor com que Deus nos ama. O seu amor redime-nos e impele-nos rumo à *missio ad gentes*; é a energia espiritual capaz de fazer crescer

na família humana a harmonia, a justiça, a comunhão entre as pessoas, as raças e os povos, à qual todos aspiram (cf. carta encíclica *Deus caritas est*, n. 12). Portanto, é Deus, que é amor, quem conduz a Igreja rumo às fronteiras da humanidade e quem chama os evangelizadores a beberem “da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo Coração trespassado brota o amor de Deus” (*Deus caritas est*, n. 7).

Somente desse manancial se podem haurir a atenção, a ternura, a compaixão, o acolhimento, a disponibilidade e o interesse pelos problemas das pessoas, assim como aquelas outras virtudes necessárias para que os mensageiros do Evangelho deixem tudo e se dediquem completa e incondicionalmente a difundir no mundo o perfume da caridade de Cristo.

3. Evangelizar sempre

Enquanto a primeira evangelização, em não poucas regiões do mundo, permanece necessária e urgente, a escassez de clero e a falta de vocações afligem hoje várias dioceses e institutos de Vida Consagrada. É importante reiterar que, mesmo na presença de dificuldades crescentes, o mandato de Cristo de evangelizar todos os povos permanece uma prioridade. Nenhuma razão pode justificar uma sua diminuição ou uma sua interrupção, dado que “a tarefa de evangelizar todos os seres humanos constitui a missão essencial da Igreja” (Paulo VI, exortação apostólica *Evangelii nuntianti*, n. 14). Essa missão “ainda está no começo e devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço” (João Paulo II, carta encíclica *Redemptoris missio*, n. 1).

Como deixar de pensar, aqui, no macedônio que, tendo aparecido em sonho a Paulo, clamava: “Vem à Macedônia e ajuda-nos”? Hoje, são inúmeros aqueles que esperam o anúncio do Evangelho, aqueles que se sentem sequiosos de esperança e de amor. Quantos se deixam interpelar profundamente por esse pedido de ajuda que se eleva da humanidade, abandonam tudo por Cristo e transmitem aos seres humanos a fé e o amor por ele! (cf. *Spe salvi*, n. 8).

4. "Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!" (1Cor 9,16)

Caros irmãos e irmãs, *duc in altum*! Façamo-nos ao largo no vasto mar do mundo e, aceitando o convite de Jesus, lancemos as redes sem temor, confiantes na sua ajuda constante. São Paulo recorda-nos que anunciar o Evangelho não é um título de glória (cf. 1Cor 9,16), mas uma tarefa e uma alegria. Estimados irmãos bispos, seguindo o exemplo de Paulo, cada um se sinta "prisoneiro de Cristo em favor dos pagãos" (cf. Ef 3,1), consciente de que nas dificuldades e nas provações pode contar com a força que dele nos provém. O bispo é consagrado não apenas para a sua diocese, mas para a salvação do mundo inteiro (cf. carta encíclica *Redemptoris missio*, n. 63).

Como o apóstolo Paulo, ele é chamado a ir ao encontro daqueles que estão distantes, dos que ainda não conhecem Cristo, ou que ainda não experimentaram o seu amor libertador; o seu compromisso consiste em tornar missionária toda a comunidade diocesana, contribuindo de bom grado, em conformidade com as possibilidades, para destinar presbíteros e leigos a outras Igrejas, para o serviço da evangelização. Assim, a *missio ad gentes* torna-se o princípio unificador e convergente de toda a sua atividade pastoral e caritativa.

Vós, queridos presbíteros, primeiros colaboradores dos bispos, sede pastores generosos e evangelizadores entusiastas! Não poucos de vós, ao longo dessas décadas, partiram para os territórios de missão, a seguir à carta encíclica *Fidei donum*, cujo 50º aniversário há pouco comemoramos, e com a qual o meu venerado predecessor, o servo de Deus Pio XII, deu impulso à cooperação entre as Igrejas. Formulo votos a fim de que não defínhe esta tensão missionária nas Igrejas locais, apesar da escassez de clero que aflige não poucas delas.

E vós, amados religiosos e religiosas, caracterizados por vocação por uma forte conotação missionária, levai o anúncio do Evangelho a todos, especialmente aos que estão distantes, mediante um testemunho coerente de Cristo e um seguimento radical do seu Evangelho.

Todos vós, prezados fiéis leigos que trabalhais nos diversos âmbitos da sociedade, sois chamados a participar na difusão do Evangelho de maneira cada vez mais relevante. Assim, abre-se diante de vós um areópago complexo e multifacetado a ser evangelizado: o mundo. Dai testemunho com a vossa própria vida, do fato de que os cristãos “pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada” (*Spe salvi*, n. 4).

5. Conclusão

Caros irmãos e irmãs, que a celebração do *Dia Missionário Mundial* encoraje todos vós a tomar uma renovada consciência da urgente necessidade de anunciar o Evangelho. Não posso deixar de relevar com profundo apreço a contribuição das Pontifícias Obras Missionárias para a ação evangelizadora da Igreja. Agradeço-lhes o apoio que oferecem a todas as comunidades, de maneira especial às mais jovens. Elas constituem um válido instrumento para animar e formar missionariamente o Povo de Deus e alimentam a comunhão de pessoas e de bens entre os vários membros do corpo místico de Cristo. Que a coleta, que no Dia Missionário Mundial se realiza em todas as paróquias, seja um sinal de comunhão e de solicitude recíproca entre as Igrejas.

Enfim, que no povo cristão se intensifique cada vez mais a oração, meio espiritual indispensável para difundir no meio de todos os povos a luz de Cristo, “a luz por antonomásia” que resplandece sobre “as trevas da história” (*Spe salvi*, n. 49). Enquanto confio ao Senhor a obra apostólica dos missionários, das Igrejas espalhadas pelo mundo e dos fiéis comprometidos em várias atividades missionárias, invocando a intercessão do apóstolo Paulo e de Maria Santíssima, “Arca da Aliança viva”, estrela da evangelização e da esperança, concedo a todos a bênção apostólica.

Vaticano, 11 de maio de 2008

BENTO XVI

XXIII Jornada Mundial da Juventude

*“Recebereis a força do Espírito Santo,
[...] e sereis minhas testemunhas.”*
(At 1,8)

A passagem dos Atos dos Apóstolos citada acima foi o tema da XXIII Jornada Mundial da Juventude, realizada em Sydney, Austrália, de 14 a 21 de julho de 2008. Na preparação e no processo vivenciado durante a Jornada, ressaltou-se a importância da reflexão sobre o grande protagonista da história da salvação: o Espírito Santo. Desde o Antigo Testamento, a figura do Espírito Santo se manifesta na vida do povo, na vida da humanidade. Na criação, Deus soprou seu Espírito sobre a terra e nas narinas do homem, originando a vida. Reviveu o povo de Israel, representado por “ossos dissecados”, com a força de seu Espírito (Ez 37,1-14). Por meio do Espírito Santo, concebeu Jesus no ventre de Maria de Nazaré. Durante a vida de Jesus, há uma contínua manifestação do Espírito, a começar pelo seu Batismo, onde o Espírito Santo desce sobre ele e Deus Pai o proclama como seu Filho.

No entardecer do dia da ressurreição, Jesus aparece aos apóstolos e diz: “Recebereis o Espírito Santo”. Mas foi no dia de Pentecostes que os apóstolos experimentaram a intensidade e a força do Espírito, que veio sobre eles como línguas de fogo, fazendo-os falar e compreender línguas estranhas, numa situação que representou a força unificadora do Espírito Santo. Ali, a Igreja, antes amedrontada e fechada, abriu as portas para a *missão* de anunciar o Evangelho. O fato de “experimentar o Espírito Santo” encorajou os apóstolos a anunciar e testemunhar a Boa-Notícia que eles haviam ouvido, e que o mundo precisava conhecer: Jesus Cristo. Seguidamente, nas cartas de são Paulo encontramos

diversas referências sobre o Espírito Santo e sua importância na vida dos cristãos.

Em especial na Carta aos Gálatas, o apóstolo faz uma exortação para que nos deixemos conduzir pelo Espírito de Deus, para que, assim, possamos usufruir de seus frutos: amor, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura e temperança. Aqui está o nosso resumo sobre a presença do Espírito Santo na Sagrada Escritura.

Muitas são as teorias e explicações teológicas sobre a ação e presença do Espírito Santo. Nós, cristãos, sabemos de sua existência e de seu significado, como terceira pessoa da Santíssima Trindade. Mas quantos de nós já fizemos a seguinte pergunta: quem é, para mim, o Espírito Santo? Esse questionamento foi levantado pelo papa Bento XVI em sua carta de preparação para a Jornada, destacando que cada um de nós é convidado a experimentar e vivenciar a força vivificadora do Espírito de Deus através dos dons que ele nos concede.

Experimentamos o Espírito Santo, primeiramente, pela *sabedoria*, enxergando o mundo e as pessoas com os olhos de Deus, impedindo-nos de qualquer ato de menosprezo ou indiferença. Pelo *entendimento* temos a possibilidade de compreender a verdade, a vontade de Deus em nossas vidas, através do chamado que ele nos faz. O dom da *ciência* produz em nós o juízo, de acordo com os critérios do Evangelho. O *conselho* nos é dado pelo Espírito Santo para que possamos atuar com prudência diante dos percalços que encontramos durante a vida, nos momentos conturbados e de difícil decisão. A *fortaleza*, que vem de Deus, permite-nos escolher sempre o bem, resistindo às ofertas do egoísmo, fazendo-nos firmes diante do mal. E com *piedade* e *temor* de Deus somos capazes de ser filiais a ele, admirando-o e elegendo-o como referência de nossa vida.

Na vivência dos dons é que podemos experimentar o Espírito Santo. Por isso o Espírito Santo é mais que uma experiência apenas individual e afetiva, ou de uso e propriedade de determinados grupos, pessoas ou movimentos. O Espírito sopra onde quer, e onde sopra gera vida. Estar aberto

à experiência do Espírito Santo é permitir a experiência de transcender as barreiras do individualismo. É abrir-se ao mundo e aos outros, como bem nos ensina o relato de Pentecostes, onde, a partir de então, os apóstolos romperam as portas e fizeram a Igreja estar aberta a toda humanidade que precisava conhecer Jesus. Assim também, hoje somos impulsionados pelo Espírito Santo a abrir as portas de nossas casas, das escolas e das Igrejas para anunciar a Boa-Notícia a todo ser humano.

Como enviados do Espírito Santo, somos impulsionados a levar o sopro de vida seja a quem for, sem fazer distinção de credo, cor ou classe social.

Essa foi a motivação que encontramos na XXIII Jornada Mundial da Juventude. Jovens de todas as partes do mundo tiveram uma marcante experiência da diversidade na unidade. No convívio e na celebração da vida que encontramos em Cristo, não importando se brasileiro, africano ou australiano, o importante era nossa semelhante vontade de testemunhar o Cristo Ressuscitado. Relacionarmo-nos, alimentarmo-nos, cantar, dormir, sorrir e conviver com pessoas de culturas diferentes foi, sem dúvida, uma experiência que nos inspira a uma postura em nossa própria realidade, na abertura a e no convívio com todos aqueles que nos cercam.

É importante ter a consciência de que não estamos sozinhos e que precisamos caminhar de mãos dadas, pois o próximo é nossa via de salvação. Assim, seremos verdadeiramente Igreja, aberta ao mundo e aos outros, em missão e testemunho do Evangelho. Agradecemos ao Espírito Santo pela inspiração que ele nos dá a cada dia e pelo que proporcionou a todos os jovens que participaram da XXIII Jornada Mundial da Juventude. Peçamos que sua ação santificadora e vivificadora nos ajude a enxergar o mundo com os olhos de Deus e a transformá-lo num Reino de amor e justiça.

PROFESSOR LEANDRO GRASS

leandrograss@gmail.com

Aquisição da sede própria da CRB-Regional Brasília

605

“A multidão dos que acreditavam era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum.”
(At 2,32)

A Conferência dos(as) Religiosos(as) da Regional Brasília compreende o Distrito Federal, Formosa e Luziânia e tem sua data de fundação no ano de 1974. Recentemente, passou a contar com a presença de 147 congregações, somando um número de 856 religiosas e religiosos presentes na Regional (cf. levantamento feito em setembro de 2007).

Depois de ter iniciado o funcionamento de seu escritório com uma sede própria muito pequena, a memória oral de alguns religiosos narra que a CRB se deparou com a necessidade de vender a sede, pois era pouco funcional e situada em um edifício onde os custos condominiais eram exagerados. Os ganhos referentes à venda foram utilizados para a reparação de duas salas de propriedade da CRB-Nacional, em Brasília, e a partir daquele momento a CRB-Regional passou a utilizar o espaço de duas salas, dentre as 17 de propriedade da CRB-Nacional, como sede cedida gratuitamente pela CRB-Nacional. Dessa forma, a CRB-Regional Brasília localizava-se no seguinte endereço: SDS Bloco H, n. 26, salas 509/510, Ed. Venâncio II, cep 70393-900, Brasília-DF.

“Alarga o espaço da tua tenda, estende as cortinas das tuas moradas, não te detenhas, alonga as cordas, reforça as estacas” (Is 54,2).

Na pauta de assuntos da XXI Assembléia Geral da CRB, realizada em julho de 2007, constava o item “transferir a sede nacional”. Após a apresentação, os esclarecimentos e as justificativas, foi aprovado e delegado à Diretoria eleita

o processo de mudança da sede nacional do Rio de Janeiro para Brasília durante o triênio.

A partir de agosto do mesmo ano, iniciam-se as negociações. A atual presidente da CRB-Nacional visita as salas do 5º andar do Ed. Venâncio II, no centro de Brasília, e se demora mais tempo no espaço ocupado — salas 509/510 — pela CRB-Regional. Abre-se, então, um diálogo com a Diretoria Regional a respeito da transferência da sede nacional para Brasília.

No mês de outubro, em reunião da Diretoria Nacional, dos conselhos, do GRP, do GRB e do GRT em Brasília, decide-se pela transferência imediata para Brasília e já se fala na possibilidade de a CRB-Nacional necessitar das salas ocupadas pela Regional. Acelera-se o processo: é preciso alargar a tenda. Faz-se necessário agilizar as forças e ferramentas para encontrar soluções adequadas, assertivas e velozes diante da demanda apresentada. Assim, sucederam-se passos alargados, confiantes e solidários.

Em meados de janeiro de 2008, com o início do processo de transferência da CRB-Nacional para Brasília, a CRB-Regional passou a estabelecer-se, provisoriamente, em um espaço cedido *ad tempus* por uma das comunidades religiosas da Regional. As cordas da tenda das Irmãs Religiosas da Assunção se alargaram e acolheram, aconchegantemente, a sede da CRB-Regional. Os laços ternos e fraternos daquela comunidade com os membros da CRB se estreitaram ainda mais. Foi uma linda e profícua experiência de intercongregacionalidade. O espaço das salas no Venâncio II foi liberado e a sede da CRB-Nacional pôde, então, armar sua tenda em Brasília.

“Diga a essa geração: avança!” (Ex 14,15).

Avançar para que direção? Para o mar? Com que instrumentos? Em que barco? Muitas buscas foram realizadas com o fim de conseguir um espaço cedido gratuitamente para um longo período. Todavia as buscas revelaram-se sem resultado a médio prazo. A possibilidade de alugar uma sede

seria impossível para esta Regional, pois as contribuições das comunidades são limitadas e os custos de atividades de animação e articulação, às quais a CRB prioriza investimento e dedicação, assim como a manutenção ordinária, não o permitem. Que fazer?

Estudos realizados pelos membros da Diretoria da CRB-Regional de Brasília, com a ajuda de assessores, indicaram como única solução possível para a continuidade da organização Regional da CRB em Brasília a aquisição de uma sede própria.

Realizou-se uma assembléia extraordinária em 8 de março de 2008, no auditório do Colégio Carmen Sallés, com a finalidade de refletir e dar encaminhamento aos temas relacionados com a aquisição da nova sede. A Assembléia reafirmou a necessidade de um espaço próprio e acordou o seguinte: criar uma equipe para assessorar a Diretoria (Grupo de Trabalho); considerar os seguintes critérios para aquisição: sediar-se no Plano Piloto, próximo ao metrô e aos diversos organismos; organizar processos articulados para captação de recursos e busca de parcerias para financiamento da nova sede.

Para tanto, depois de pesquisas e discernimento com a diretoria de Brasília e em diálogo com a Diretoria Nacional da CRB, optou-se por adquirir um imóvel situado na W 3 Norte, Quadra 711, loja 39, Edifício G, loja térrea e subsolo, com 144,72 m², por R\$ 185.000,00 à vista. Os recursos imediatos para a compra desse imóvel vieram do caixa da CRB-Nacional. Em comum acordo entre diretorias Regional e Nacional, assumiu-se o compromisso de distribuir o investimento em três partes iguais, a saber: caixa da CRB-Nacional, Projeto para a ADVENIAT e recursos captados pela CRB-Regional Brasília.

A partilha é um dos pilares de sustentação da experiência cristã, desde os seus primórdios. Para cumprir nossa missão junto às famílias religiosas e estendermos nossas experiências vivenciais no interior dos diferentes carismas e na Igreja local, precisamos da ajuda partilhada de dons, serviços, despesas etc., de todos(as).

A meta à qual a CRB se propõe é a continuidade da existência da CRB-Regional em Brasília, pois uma das características essenciais de toda forma de Vida Consagrada é, e sempre foi, a de seguir Jesus Cristo e anunciá-lo através do amor-serviço, pelo testemunho da partilha e da opção preferencial pelos mais pobres e excluídos de nossa sociedade. A aquisição de um espaço físico permitirá a continuidade do processo de articulação e revitalização da VR e de sua inserção no contexto socioeclesial local.

“Levai à plenitude a minha alegria, pondo-vos acorde no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento. [...] Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,2ss).

Agenda

2007

Julho: XXI Assembléia Geral da CRB.

Agosto: visita de irmã Márian Ambrosio à sede regional da CRB em Brasília.

Outubro: reunião da Diretoria Nacional, dos conselhos, do GRP, do GRB e do GRT em Brasília.

Novembro: irmã Márian convoca a Diretoria Regional Brasília para uma reunião.

Dezembro: a Diretoria Regional envia uma proposta para compra de um imóvel e irmã Márian responde à carta da Regional.

2008

3 de janeiro: as Irmãs da Assunção disponibilizam uma sala do Centro Social da Casa de Retiros para sede provisória.

8 de janeiro: a Diretoria fez a mudança com a ajuda de amigas(os), familiares e religiosas(os) de suas congregações.

10 de janeiro: a diretoria elabora o Projeto para a ADVENIAT, a ser entregue pessoalmente por irmã Márian na Alemanha.

8 de março: realização de uma assembléia extraordinária para comunicar a necessidade da transferência e encaminhar o processo de compra de sede própria.

27 de maio: a Diretoria e o Grupo de Trabalho se encontram com irmã Márian na sede da CRB-Nacional, a fim de discutir o apoio da Nacional para a compra do imóvel.

16 de junho: compra da sede.

17-20 de junho: limpeza, ajustes do local e mudança.

2 de julho: visita de irmã Márian Ambrosio, presidente nacional da CRB, e de frei Silvío João Santos do Carmo, assessor nacional da CRB à nova sede da CRB-Regional Brasília.

6 de agosto: reunião com as(os) coordenadoras(es) de comunidades e provinciais residentes em Brasília para discutir questões específicas da nova sede.

27 de setembro de 2008: na agenda da Assembléia Anual Ordinária da CRB-Regional Brasília, celebraremos a inauguração oficial da nova sede.

crbbsb@brturbo.com.br
crbbrasil@hotmai.com
crbdir_df@yahoo.com.br

Congresso Americano Missionário 3 – COMLA 8.

“América com Cristo
Escuta, Aprende e Anuncia”

Movida por esse imperativo, a Igreja da América se reuniu na cidade de Quito, Equador, de 12 a 17 de agosto de 2008, para a celebração do CAM 3 – COMLA 8.

Participaram cerca de três mil missionários(as). Entre delegações e convidados, 36 países marcaram presença nesse acontecimento eclesial. O Brasil teve a terceira maior delegação, com 140 delegados(as) representantes de todos os Regionais.

Trabalhamos cada dia com alegria e entusiasmo, aprofundando e refletindo o tema do Congresso: “A Igreja em discipulado missionário”, e o lema: “América com Cristo Escuta, Aprende e Anuncia”.

Toda a estrutura temática se desenvolveu a partir de três palavras-chave:

- **DISCIPULADO:** Igreja como comunidade discípula de Jesus.
- **PENTECOSTES:** Igreja como comunidade, levada pelo Espírito.
- **EVANGELIZAÇÃO:** Igreja como comunidade missionária para a humanidade.

O Congresso teve como objetivo propiciar às Igrejas da América um acontecimento eminente de Pentecostes, para que desde a experiência do discipulado se ponham em “estado de missão” e impulsionem a nova evangelização e a missão *ad gentes*.

Um momento como este é sempre momento de graça tanto para quem participa como para a Igreja que acolhe.

Somos gratos à Igreja particular de Quito, às paróquias, às famílias, às comunidades religiosas que abriram com muita generosidade tanto o coração como suas portas para acolher-nos. São experiências vividas que nos confirmam que é possível viver a utopia do Reino e, na linguagem do *amor*, comum a todos os cristãos, acolher as diferenças. Nisso sentimos a presença do Reino no meio de nós.

O último dia do Congresso foi apresentado para todo o continente, por dom Raymundo Damasceno, presidente do CELAM, o PROJETO PARA A MISSÃO CONTINENTAL.

Também foi anunciado que o próximo país a sediar o CAM4 – COMLA9, em 2012, será a Venezuela.

Que Jesus, o enviado do Pai, acompanhe cada dia os passos de todos(as) os(as) missionários(as).

IRMÃ ANTONIA MENDES GOMES, NDC
ASSESSORA EXECUTIVA NACIONAL

Escolhida de Deus, caminha conosco, teus filhos e tuas filhas consagrados(as)

Maria, mãe e amiga, senhora e companheira.

Deus te quis como mãe pela humildade.

Que saibamos imitar-te no serviço aos irmãos e irmãs.

Deus te quis como mãe pela tua fidelidade.

Que saibamos imitar-te no teu sim ao Deus da vida.

Deus te quis como mãe pela tua pureza.

Que saibamos viver a nossa consagração na castidade.

Deus te quis como mãe pela tua simplicidade.

Que saibamos assumir nossa pobreza e limitações.

Deus te quis como mãe pela tua santidade.

Que saibamos buscar a perfeição do nosso Pai, que é perfeito.

Deus te quis como mãe pela tua coragem.

Que saibamos testemunhar os valores libertadores do Reino.

Deus te quis como mãe pela tua dedicação.

Que saibamos ser solidários com teus filhos e filhas excluídos(as).

Deus te quis como mãe pela tua sinceridade.

Que saibamos comunicar a verdade que teu Filho nos revelou.

Deus te quis como mãe pela tua disponibilidade.

Que sejamos abertos(as) ao novo, por obra do Divino Espírito.

Deus te quis como mãe pela tua alegria.

Que saibamos acolher-nos uns aos outros,

como teus filhos, tuas filhas e irmãos(ãs) em Jesus Cristo.

Deus te quis como mãe porque quis ser humano.

Que saibamos ser tão humanos a ponto de tornarmo-nos divinos.

Deus te quis como mãe, num gesto de pura bondade e graça.

Nós te louvamos por revelar-nos o rosto materno do Deus uno e trino.

Protege-nos e acompanha-nos pelos caminhos da fé, da esperança, da verdade, da justiça, do perdão, da paz e do amor.

Nossa Senhora, mãe dos consagrados e das consagradas, acompanha teus filhos e tuas filhas.

Assim seja!

IRMÃO PAULO PETRY, FSC

Na travessia, consolidar a mística e a identidade.

Pela primeira vez, depois da transferência da sede da Conferência dos Religiosos do Brasil para a Capital Federal, Brasília, realizou-se um seminário da Comissão Executiva Nacional (presidente mais assessoras e assessores). Os dias 4 e 5 de agosto foram ocupados com momentos de espiritualidade, convivência, partilha das atividades realizadas até esse momento e programadas até o final de 2008, e ainda uma reorganização do dia-a-dia como Assessoria Executiva Nacional-AEN (assessoras e assessores).

Irmã Márian Ambrosio, presidente, expressou sua alegria e satisfação por poder contar com a presença de toda a equipe de assessoria, até mesmo de quem ainda não atua efetivamente e de quem está preparando-se para sair depois de longo período de serviço à CRB.

- Frei Rubens Nunes da Mota, ofmcap: assessor para as juventudes
- Frei Silvio João Carmo dos Santos, ofmcap: assessor administrativo
- Irmã Antônia Mendes Gomes, ndc: assessora para o Plano de Evangelização Solidária na Amazônia e GRENI
- Irmã Bernadete Gaspar, ciic: assessora para a Vida Religiosa inserida e solidária
- Irmã Filomena Tominaga, sds: assessora financeira
- Irmã Francinete Amorim, mc: assessora para a formação permanente (CERNE, PROFOLIDER e PROFOCO)
- Irmã Leonarda Reis Veiga, fma: assessora contábil

- Irmã Maria Cleonice Castro, ije: secretária
- Irmã Maria das Graças Apolinário, sts: assessora para projetos sociais e parcerias
- Irmã Maria Helenita Sperotto, icm: assessora para o PROFOCO
- Irmã Maria Juçara dos Santos, fdz: assessora para as comunicações (*Convergência* e *site*) e referencial para as equipes de reflexão (teológica, psicológica e bíblica)
- Irmã Maria Júlia S. Araújo, mc: assessora contábil
- Padre Mario Cesar do Amaral, sac: assessor para a formação permanente (CERNE, PROFOLIDER e PRO-FOCO)

Embora cada membro da AEN seja responsável por uma área específica de atividades, todos assumiram um compromisso de solidariedade e colaboração, sobretudo na realização de eventos em nível nacional, tais como congressos, seminários e outros. O consenso pela união em torno de objetivos comuns favorece a consolidação de uma mística própria da AEN e reforça a identidade como grupo.

O momento de transição por que passa a CRB-Nacional interfere intensamente no andamento das atividades, especialmente no dia-a-dia. É aí que se revela quanto as pessoas envolvidas no processo se sentem efetivamente comprometidas com o global dos programas e não apenas com suas próprias ilhas. O fato de ainda atuar em um espaço físico indefinido exige uma capacidade grande de adaptação, sobretudo por não estarem sempre à mão instrumentos essenciais para o bom andamento das agendas, como arquivos, pastas e documentos.

A grande motivação para superar as adversidades e não deixar cair a qualidade da animação da Vida Religiosa Consagrada no Brasil, que é a missão principal, vem da memória diária que se faz do horizonte e das prioridades assumidas para o triênio 2007-2010 na XXI Assembléia Geral, ocorrida em julho de 2007, em São Paulo.

Vinde e vede. Os primeiros discípulos: André, João e Pedro (cf. Jo 1,35-42)

AGENOR GIRARDI, MSC*

A grande expectativa

É o terceiro dia desde o interrogatório feito a João Batista, que se encontra no mesmo local do dia anterior. João Batista é um profeta estático; não vai ao encontro das multidões, não fica andando de um lugar para outro. Permanece ali, no outro lado do rio Jordão, em Betânia, enquanto dura a sua missão, que só terminará quando Jesus começar a sua. Assim que Jesus tiver passado por ele, não aparecerá mais ali. João Batista não está sozinho, mas acompanhado de alguns discípulos, que escutaram seu anúncio e receberam o seu Batismo. O evangelista João diz que, naquele momento, João Batista estava acompanhado de dois discípulos. Eles pertencem a um grupo mais numeroso. Assim como João Batista, os discípulos também estão na expectativa. Ele já tinha reconhecido o Messias (Jo 1,29), mas os discípulos ainda não.

João Batista sai e Jesus chega

A passagem de Jesus naquele local não é casual. Exerce uma força que atrai e cativa. No dia anterior, João Batista tinha visto Jesus-que-chegava; agora, estando no mesmo lugar, vê Jesus-que-está-passando. Jesus se coloca adiante, toma seu lugar já previsto por João Batista. É o momento da mudança. João Batista fica para trás. Ele deixa de ser precursor, porque aquele que foi anunciado está começando o seu ministério público. João Batista pronuncia sua declaração solene na presença de dois discípulos. Repete o que já tinha afirmado a todo o povo: "Eis o Cordeiro de Deus"

*Padre Agenor Girardi é vigário paroquial em Francisco Beltrão-PR. Assessora encontros de espiritualidade e retiros e escreve para algumas revistas católicas.
Endereço do autor: Rua União da Vitória, 272, Vila Nova, cep 85601-970, Francisco Beltrão-PR. Tel.: (46) 3524-4949.

(Jo 1,36). Comunica, assim, o conteúdo interno da pessoa de Jesus. Revela a identidade do Messias.

Nesta afirmação já está implícito que este trará a libertação definitiva, pois a expressão “Cordeiro de Deus” quer dizer “Filho de Deus”. João Batista não fala aqui que será ele que vai tirar os pecados do mundo. Isso ele já tinha dito perante a multidão. Aqui só define Jesus com duas palavras “Cordeiro de Deus”. Não faz um longo discurso para convencer seus discípulos. De uma forma livre e generosa, João Batista cede a Jesus seus discípulos. Apenas com uma frase os convida ao seguimento. João Batista, agora, sai de cena.

Os dois primeiros discípulos

A reação dos dois discípulos é imediata. Eles entenderam bem a mensagem de João Batista, que, por sua vez, não opõe resistência aos dois que estão se despedindo dele. Um é *André* e o outro, pelo que podemos deduzir, é o próprio *João*, autor do Evangelho. Seguir a Jesus indica o desejo de viver com ele e como ele, aceitar seus ensinamentos e fazer parte de sua missão. O verbo “seguir” significa caminhar junto com alguém que aponta o caminho. Este verbo expressa a resposta dos discípulos diante da afirmação solene de João Batista. Os dois finalmente encontram a quem esperavam e, sem vacilar, a ele aderem imediatamente. Aqui, no evangelho de João, não se fala que eram pescadores, como fazem os sinóticos (Mt 4,18-22), mas são apresentados como discípulos já instruídos e preparados para o seguimento do Mestre.

Que estais procurando?

Tem o mesmo sentido da pergunta: “Que buscais?”. Jesus está consciente de que os dois o seguem. O caminho percorrido em silêncio marca a expectativa da novidade. A busca só alcança seu objetivo com a iniciativa de Jesus. A pergunta de Jesus está no presente e é válida para homens e mulheres de todas as épocas. É um convite para que cada um examine a sério o motivo do seguimento. Aqui

Jesus não faz nenhuma referência de sua pessoa nem coloca condições deste convite implícito. É uma pergunta aberta a todos. Jesus quer saber os desejos que eles têm em seus corações. Pode haver motivos bem diversos para seguir alguém. Por isso pergunta-lhes o que estão procurando, ou seja, o que esperam dele e o que acreditam que ele lhes possa dar.

O evangelho de João diz que também há seguimentos equivocados, adesões a Jesus que não correspondem ao que ele é nem à missão que realiza (Jo 2,23-25).

Mestre, onde moras?

Os discípulos respondem com outra pergunta, que à primeira vista significa: “Onde te alojas?”. Porém, num nível mais amplo, tal pergunta investiga o mistério profundo da morada transcendente de Jesus. Os dois dão a Jesus o título respeitoso de “Rabi”, que significa “um mestre qualificado”, indicando assim que o tomam por guia, dispostos a seguir suas instruções. Reconhecem que Jesus tem algo a ensinar-lhes que eles ainda não conhecem. A relação mestre-discípulo na Palestina da época não se limitava apenas a transmitir uma doutrina, mas a aprender com o modo de vida do mestre.

Os discípulos querem, agora, saber onde Jesus mora, lugar diferente de onde estava João Batista. Deixam seu antigo mestre sem conflitos, competições ou disputas. João Batista é um homem livre e não prende ninguém a si. Os dois, por sua vez, estão dispostos a dar o passo, a estar bem perto de Jesus e a viver sob seus ensinamentos.

Vinde e vede

Jesus atende imediatamente ao pedido implícito feito na pergunta dos dois. Agora vem o convite direto e claro, o de experimentar a convivência com ele. É nesta convivência com o Mestre que eles encontrarão a resposta que estão procurando. Jesus reside no lugar onde acampou: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Ele está no campo da vida, onde Deus está presente no meio da humanidade. Por

isso tal lugar não se pode conhecer por mera informação, mas unicamente por experiência pessoal: “Vinde e vede”. O lugar onde vive Jesus é a manifestação da luz e está em oposição às trevas. É o lugar da vida em plenitude e está em oposição ao mundo. Aliás, no evangelho de João, luz e treva estão, sempre, em oposição.

A permanência com Jesus

Os dois, André e João, serão seus primeiros discípulos. Estabelecem contato com o lugar onde vive Jesus. Tal experiência os cativa e assim eles decidem permanecer com ele naquele dia. Entram, assim, no campo da luz e da vida. Começa aqui a nova comunidade. É a comunidade daqueles que estão onde está Jesus. Daí a importância do momento, assinalado com a determinação da hora. Desde o início do seu ministério Jesus quer tornar as duas testemunhas oculares. Supõe-se que o tempo que eles passam com Jesus tenha sido preenchido por uma instrução preliminar. O momento do encontro é recordado até nos mínimos detalhes. A hora décima equivale às quatro da tarde. Pode ser entendida como plenitude de dez, ou seja, conclusão de um dia de trabalho.

O certo é que não estava longe do novo dia, que começava com o pôr-do-sol. O novo dia marcará o fim do antigo Israel e o começo da nova comunidade. É o fim de uma época e o começo de outra. O antigo povo está perto do seu fim. Agora nasce o novo povo dos seguidores de Jesus. O salvador chega a tempo para salvar Israel da ruína. Todo o relato é estilizado para descrever a condição do discípulo de Jesus. No Antigo Testamento, era preciso procurar Deus para encontrá-lo. A partir de agora, aquele que procura encontra-o na pessoa de Jesus.

Terminado o primeiro encontro

André já sente necessidade de comunicar sua descoberta. Pedro não estava entre os discípulos de João Batista. É uma conquista de seu irmão André, o que já crê que Jesus é o

Messias, mediante o primeiro encontro. Sem prévia informação, Jesus conhece e reconhece Simão e, com autoridade soberana, escolhe Pedro e lhe impõe o novo nome e sua nova missão. Simão começa, assim, a ser Pedro, e terá de aprender a conviver com este nome. Em português, a diferença entre *Pedro* e *pedra* não permite acentuar a força das línguas bíblicas, em que a mesma palavra designa a materialidade da rocha e o novo nome daquele que será a cabeça dos Doze. André vai reaparecer depois em dois momentos do evangelho de João: na multiplicação dos pães (Jo 6,8) e no episódio com os gregos que querem ver Jesus (Jo 12,22).

Em ambos os casos, estará acompanhado por Felipe. O nome André significa a qualidade do homem adulto, maduro, próprio do discípulo que compreende a realidade de Jesus e participa de sua vida. Simão Pedro é mencionado como personagem já conhecido dos seus leitores. O outro discípulo não será identificado em todo o Evangelho. João quer apresentar em seu Evangelho a figura modelo de discípulo: é aquele que permanece com Jesus para não se separar mais dele. Este discípulo, que por conviver com Jesus experimentará o amor pleno, se identificará como o “discípulo amado”, ou aquele que Jesus amava. Aquele que vive com Jesus é sujeito do seu amor e é amado por ele.

André reconquista seu irmão

A experiência de André, no seu contato com Jesus, tocou-o profundamente. Imediatamente sente necessidade de comunicar tal descoberta. Em primeiro lugar, dará a notícia ao seu irmão de sangue, Simão. O indicativo “primeiro” indica que a atividade de André não terminou com o convite feito ao irmão. Simão Pedro, embora, como André, fosse de Betsaida, no norte do país, encontra-se naquelas paragens atraído pelo movimento das multidões, suscitado por João Batista, mas não havia escutado sua mensagem nem tinha seguido Jesus. André dá a notícia ao irmão nestes termos: “Encontramos o Messias”. Reforça, assim, sua experiência, mas também a do outro discípulo.

A experiência é comunitária. Simão Pedro também esperava a chegada do Messias. André anuncia-lhe que a espera terminou. O Messias já está presente. Simão não se aproxima de Jesus por iniciativa própria, mas deixa-se conduzir por seu irmão André. Não comenta nada sobre a frase de André nem mostra entusiasmo algum por Jesus. Em toda a cena não pronuncia nenhuma palavra. Simão Pedro, embora estabeleça contato pessoal com Jesus, não diz nada. Sua atitude fica suspensa. É o único dos quatro mencionados que não expressa nada.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

- Jo 1,35-42: A experiência dos primeiros discípulos com Jesus.
 - Mt 4,18-22; Mc 1,16-20: Vocação dos quatro primeiros discípulos.
 - Lc 5,1-11: Vocação dos primeiros discípulos.
1. Como ressoa dentro de mim a pergunta de Jesus “A quem procurais?”
 2. Por qual motivo eu estou seguindo a Jesus?

JOAQUIM PARRON, CSSR*

A liderança na Vida Religiosa tem um aspecto fundamental, que outras formas de lideranças não exigem, que é a profunda sintonia com a pessoa de Jesus Cristo e seu modo de exercer o serviço. Para Jesus de Nazaré, o fundamento de sua vida e missão era seguir a vontade do Pai: “Meu sustento é cumprir a vontade daquele que me enviou” (Jo 4,34). “Eu vim para servir e não para ser servido” (Mt 20,28). Enquanto outras formas de liderança são baseadas em privilégios e regalias, a nossa liderança é profundamente marcada pelo serviço e pela humildade. O religioso ou a religiosa que exerce a liderança, o serviço da autoridade, necessariamente tem de estar sintonizado com a pessoa e a missão de Jesus Cristo.

Embora não exista “receita de como ser coordenador de comunidade”, existe um estilo próprio de ser servidor ou servidora na comunidade religiosa. Convido vocês a refletir sobre o tema.

Podemos chamar este serviço de “animação”, “coordenação”, “direção”, “autoridade”, mas o importante é que seja de fato um servir inspirado no Cristo Jesus e na sua missão libertadora. A condição fundamental para ser um bom “servo” é encarnar a vivência do amor aos irmãos e às irmãs (Jo 15,12). Nesse sentido, vamos fazer um “balanço” entre os valores pregados pelo “mundo” e realçar que o amor serviçal ao irmão e à irmã é que liberta e dá sentido à vida.

Enquanto “as vozes do mundo” clamam por privilégios, ostentações e mordomias, temos de voltar o nosso cora-

***Padre Joaquim Parron** é o provincial dos Missionários Redentoristas no PR e MS. Doutor em Ética Teológica, mestre em Educação, tem atuado em diversas frentes pastorais missionárias. Autor do livro *Novos paradigmas pedagógicos*, já na 5ª edição. **Telefone do autor:** (41) 3264-5478.

ção à vontade de Deus e, no silêncio da oração, ouvir o chamado de servir nossos irmãos e irmãs, a quem devemos pastorear. Sim, ao sintonizar com a vontade de Deus, percebemos o chamado à simplicidade, à humildade sem ostentações e sem privilégios. Por isso temos de voltar os nossos ouvidos ao coração de Deus e rezar com Jesus: “Pai, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade...” (Mt 6,10). Para conhecer e praticar a vontade do Senhor, exige-se de nós momentos de silêncio e oração. Veja como a espiritualidade é fundamental nesse processo e dá significado à vida comunitária.

Embora “o mundo ensine que os chefes devem impor seu poder”, entre nós, que estamos em profunda sintonia com a pessoa de Jesus, a nossa autoridade vem do serviço (“Não será assim entre vós; ao contrário, quem é o líder, seja o servidor”, cf. Mc 10,44). Homens e mulheres que escutam a Deus e homens e mulheres que escutam irmãos e irmãs. Homens e mulheres de profundo diálogo com o outro, diálogo que não é apenas de palavras verbais, mas na integridade da pessoa.

Nosso diálogo anima e dá força a nossos irmãos e irmãs de comunidade para lançarem-se em águas mais profundas (cf. Lc 5,4).¹ O diálogo sempre ajuda o confrade a sentir-se acolhido, valorizado e integrado na comunidade. Enquanto no antigo modo de ser superior os verbos de ação eram *mandar, obrigar, exigir e obedecer*, no modo atual são *dialogar, motivar, participar e comungar*. Isso gera co-responsabilidade entre irmãos e irmãs de comunidade.

Não podemos, também, esquecer que o diálogo é libertador e profundamente terapêutico.

A entrevista ou o relacionamento normal entre o superior e cada irmão da comunidade já implica ajuda mútua. Facilita-se o “falar”, coisa que, por si só, já é eminentemente positiva e muito terapêutica. Vivem-se anomalias por não saber falar e por não poder falar... Falar alivia, permite compreender, derrubar determinadas atitudes, aproximar as pessoas, desvanecer preconceitos, esclarecer mal-entendidos etc.²

1. Cf. MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade*. Irmão Afonso foi provincial dos Maristas e oferece nesta obra uma excelente abordagem sobre gestão de pessoas.

2. PUJOL I BARDOLET, Jaume. *O ministério da animação comunitária*. p. 186.

Quantos problemas poderíamos ter evitado em nossas comunidades se as pessoas dedicassem ao menos algum tempo para “escutar” e “acolher” o que a outra pessoa tem a falar.

Enquanto as “forças do mundo pregam o descartável mesmo à pessoa humana”, nós temos os nossos irmãos de comunidade como sujeitos que têm uma história e uma dignidade fundante da pessoa humana. Santo Afonso Maria de Ligório, fundador dos Missionários Redentoristas e autor de mais de 111 obras, enfatizou que o coordenador ou coordenadora de comunidade deve ser aquele que anima a vida fraterna. Afonso escreveu aos coordenadores locais: “Aos superiores das comunidades recomendo, igualmente, a caridade com os confrades, confortando-os nas tentações e procurando, quando possível, socorrê-los em suas precisões; perguntem-lhes, especialmente no colóquio, se carecem de alguma coisa”.³

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus irmãos” (Jo 15,13). O confrade, quando é ouvido, sente-se valorizado e tende a ter uma vida mais inserida na comunidade. “Importa perceber que um modelo que favorece a participação e o envolvimento das pessoas é espiritualmente melhor do que aquele que concentra o poder, as decisões e o mérito do sucesso em poucas mãos.”⁴ Quando se valoriza o co-irmão ou a co-irmã, a pessoa participa mais ativamente na e da vida comunitária.

Se por um lado o “relativismo quer impor-se como uma ditadura na sociedade contemporânea”, nós, consagrados, temos certos elementos essenciais e vitais em nossa existência. O superior ou a superiora consciente de sua missão também vai exortar os co-irmãos ou as co-irmãs a viverem com mais propriedade a vocação e a missão a que foram chamados.⁵ Isso exige paciência e prudência. A comunidade religiosa torna-se ela mesma a proclamação da Boa-Nova do Reino.

Não adiantaria nada ter grandes planos pastorais se a nossa vivência fraterna não brilhasse como luz às pessoas. A vivência fraterna é fundamental no processo de evangelização. A força do Evangelho vai mostrar-se na fraternidade,

3. LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *Cartas circulares*. Aparecida: Santuário, 1964. p. 28.

4. MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade*. pp. 143-144.

5. Igualmente, com toda a caridade, prudência e firmeza, admoestem os confrades sobre seus defeitos, principalmente se causam dano ou mal-estar à comunidade e prejudicam a atividade apostólica, ensinava santo Afonso de Ligório.

onde o próprio povo vai apreciar essa vivência fraterna. E nós, como animadores de comunidades, *que temos a pessoa-missão de Jesus como raiz de nosso ministério*, somos os primeiros responsáveis para que a Boa-Nova seja proclamada com a nossa vivência fraterna.

Olhando para nossos fundadores, que contemplaram a pessoa de Jesus, que assumiu os traços do Bom Pastor, percebemos:

- que Jesus promovia o encontro dos discípulos com o Pai através da experiência da oração (cf. Mt 6,7-13; 26,36-46; Mc 9,2-8). Veja a importância da vida de oração. *Nossas comunidades necessitam fortalecer os momentos de espiritualidade;*
- que Jesus cuidava do rebanho, interessava-se por quem estava perdido. Ia ao encontro, conhecia e era conhecido, sempre pronto a dar a vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,1-18). Perceba como isso fortalece a co-responsabilidade, sem paternalismo. *Na comunidade religiosa, é necessário investir tempo em conversas individuais;*
- que Jesus fazia revisão de vida com os seus discípulos e os levava a um descanso (cf. Mc 6,30-31). Note-se que, quando se avalia revisando a prática concreta, gera-se uma participação consciente. *Encontrar tempo comunitário;*
- que Jesus confiava nos discípulos e os enviava em missão. A missão é de todos (cf. Lc 10,1-11). Nossas congregações e institutos são chamados a entrar com força decisiva na vivência missionária.⁶ Percebe-se, assim, o destaque da liderança missionária. *Intensificar o empenho pastoral.*

Assim, a espiritualidade de um animador ou de uma animadora de comunidade religiosa bem enraizada na prática libertadora do Bom Pastor necessariamente também motivará os confrades da própria comunidade a serem líderes (co-responsáveis, colaboradores, dados à oração e missionários). Dessa maneira, ajuda o co-irmão e a co-irmã a viver a que foi chamado: “continuar o exemplo de Jesus Cristo

6. As congregações religiosas são chamadas a ter uma firme decisão missionária (*Documento de Aparecida*, nn. 223 e 365).

de Nazaré em sua missão e vida”. Enquanto a “liderança pregada pelo mundo” massifica e tem em vista apenas o lucro, a liderança na Vida Religiosa deve levar o outro a ser decisivamente mais sujeito e missionário.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A liderança entre nós tem em vista a missão e está sintonizada com Jesus?
2. Nós, mesmo não sendo superior(a) ou coordenador(a) de comunidade, buscamos viver a dimensão da coresponsabilidade?
3. Busco ser um(a) líder na missão, tendo como centro a pessoa-missão de Jesus?
4. Que podemos fazer para motivar, na Vida Religiosa, lideranças na perspectiva do Bom Pastor?

Bibliografia

- BARDOLET, Jaume Pujol i. *O ministério da animação comunitária*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GRÜN, Anselm. *A sabedoria dos monges na arte de liderar pessoas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *Liderar por meio de valores*. São Paulo: Paulus, 2007.
- HUNTER, James. *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- KEARNS, Lourenço. *Teologia da obediência religiosa*. Aparecida: Santuário, 2005.
- MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Interloquções entre o processo formativo na Vida Religiosa, a espiritualidade e a psicanálise

JOSÉ DEL-FRARO FILHO*

Tentarei, neste artigo, fazer uma articulação entre fé, psicanálise, espiritualidade e o processo formativo na Vida Religiosa. Essa interlocação se baseia em atendimentos de psicanálise individual de formadores(as), formandos(as), terapias de grupo e supervisão aos(às) formadores(as).

Fornecerei alguns exemplos de como algumas situações atuais e preocupantes do processo formativo na Vida Religiosa precisam ser descortinadas e trabalhadas sob ângulos realísticos e construtivos. Minha abordagem será feita através da junção de um maior conhecimento da natureza humana, do inconsciente, da sexualidade, da agressividade, das angústias e dos mecanismos de defesa (psicanálise) e, por outro lado, de uma espiritualidade integradora, libertadora, que leve em conta exatamente essa natureza humana, para que a graça possa atuar.

Parte 1

A fé e a psicanálise

Padre Carlos Dominguez Morano, em artigo ao *Jornal de Opinião*: “Fé e psicanálise: um diálogo possível”, diz que

a psicanálise não questiona a fé. O que ela questiona é a nossa relação com a fé. Então, cada vez que há uma pessoa que diz: “Eu creio em Deus, eu não creio em Deus ou, ainda, Deus não existe”, a psicanálise poderá perguntar o que é que realmente está sendo dito, que motivos pessoais inconscientes estão colaborando para le-

***José Del-Fraro Filho** é médico psiquiatra, psicanalista em Belo Horizonte-MG. Membro da Pastoral da Criança de Minas Gerais e do ITA – Instituto Terapêutico Acolher, de São Paulo.
E-mail do autor: clinicafraro@planetarium.com.br.

var essa pessoa a afirmar que Deus existe, que é Pai, que é bom, que nos protege, ou, o contrário, que Deus não existe. A psicanálise não questiona os enunciados, mas o sujeito da enunciação, o sujeito que fala. *O que ela questiona é nossa relação com a fé, não a fé.* É possível crer depois de Freud, porém provavelmente de outra maneira.

A psicanálise questiona o sujeito que fala sob as mais diversas formas: palavras, silêncios, gestos, atos, relações interpessoais. Todo ato humano, do mais sublime ao mais selvagem, tem a participação do inconsciente. Todo arranjo psíquico é forjado na tentativa de proteger o sujeito de suas angústias, que vão desde as mais primitivas, como as que o bebê pode ter sentido — angústia de aniquilamento, desintegração, perseguição, engolfamento e separação —, até angústias menos primitivas relacionadas, por exemplo, às descobertas pela criança quanto à diferença entre os sexos, a chamada angústia de castração.

A qualidade da relação da criança, desde o útero até a morte, com os outros significativos é que ditará o tipo de angústia predominante e o grau do amadurecimento. Uma pessoa poderá ter vários tipos de angústias em momentos diferentes ou ao mesmo tempo. Acionará vários mecanismos de defesa inconscientes para proteger-se delas. A qualidade dos cuidados maternos, paternos, familiares e sociais, desenvolvidos ou não, ditará quais angústias predominarão no sujeito em sua relação consigo mesmo e com os outros.

A relação formador(a)-formando(a)

O formador, a instituição religiosa, o contexto social veiculam comunicações emocionais, boa parte delas inconscientes, ao formando e vice-versa. Essas comunicações podem ser claras ou ocultas, por palavras ou silêncios, atos ou omissões. E é nesse interjogo que as angústias e outros afetos, dos dois lados, se intensificam ou se atenuam. São introduzidas novas representações inconscientes de si mesmo(a), reforçadas outras, algumas são desfeitas. Processos identificatórios são mobilizados ao longo dos anos de convívio, ideais são feitos, refeitos e desfeitos, de ambos os lados.

O formando pode chegar às congregações razoavelmente saudável e sair adoecido. Ele pode chegar emocionalmente frágil, fortalecer-se e sair, ou encontrar na Vida Religiosa os ingredientes indispensáveis para que possa integrar-se cada vez mais e fortalecer sua vocação. Tudo dependerá desse complexo interjogo integrador ou desintegrador.

Padre Jaldemir Vitório, em encontro com formadores(as) e alguns psicólogos em Belo Horizonte, em 2004, abordou o tema “Repensando a relação formador-formando” considerando que

a vida religiosa não é um princípio, um começo, mas o desembocar de um processo. Começa com a vocação de seres humanos. Na família, aprendemos ou não a ser solidários, adquirimos ou não valores que abrem o coração para a Transcendência. Um certo nível de *humanização* e *cristianização* adquiridas em casa é fundamental. A desestruturação psicológica dos jovens e/ou dos formadores é um dos principais entraves da formação. O primeiro e maior formador é sempre Deus e depois o próprio formando, que permite ao formador participar de sua vida.

Diante da complexidade de fatores envolvidos, gostaria de abordar um especificamente. O tema que me chama a atenção é a pouca ênfase dada, apesar de ter melhorado nos últimos anos, aos aspectos emocionais, históricos, singulares, inconscientes, tanto dos(as) formadores(as) quanto dos(as) formandos(as). Alguns deles nunca se submeteram a qualquer tipo de psicoterapia e a grande maioria nunca trabalhou aspectos inconscientes de sua sexualidade e agressividade. Ou seja: jamais buscaram elaborar seus conflitos inconscientes, seus egos em seus mecanismos de defesas continuam inalterados. Muitos são os motivos e alguns independem da pessoa. Entre eles:

- 1) Freud era ateu, criticava a religião como uma mera ilusão, ópio, infantilismo, neurose coletiva.
- 2) A psicanálise foi sendo absorvida e distorcida pela mídia e por seus críticos, que não entenderam a teoria. Ela foi acusada de libertina, genitalista, foi banalizada, como aconteceu com a questão do complexo de Édipo. Após Freud houve muitos avanços.

- 3) A psicanálise tradicional (Freud, Melanie Klein, Bion, Lacan) tem como referência maior a importância do complexo de Édipo ou as regressões a pontos de fixação em zonas erógenas (oral, anal, fálica), sendo baseada nas doenças e nas tentativas de cura pela transferência, interpretação e ato analítico. A psicanálise winnicottiana ressalta a importância do ambiente (mãe–pai–família–escola–sociedade) capaz ou não de fornecer continuidade, facilitação e previsibilidade para que ocorra ou não a tendência inata ao amadurecimento humano e integração, num constante interagir com o ambiente.

Ela não nega o inconsciente freudiano, o complexo de Édipo, a transferência, mas não aceita que haja divisão sujeito e objeto desde o início. São os cuidados maternos e a potencialidade do bebê os responsáveis pelo delicado processo de separação eu/não-eu e entre subjetivo e objetivo. Winnicott apresenta outra visão da religião: esta não é vista como ilusão, infantilismo, mas como algo de inestimável valor, assim como a arte e a cultura, pois inserida no espaço transicional entre o subjetivo e a realidade objetivamente compartilhada, a comungar com outras pessoas a libertação de uma subjetividade isoladora ou de uma realidade objetiva, crua e nua.

Assim sendo, a precariedade na transicionalidade entre o subjetivamente concebido e a realidade objetivamente compartilhada pode levar as pessoas a uma fé ingênua, submissa, ao agnosticismo ou ao ateísmo. Uma deficiência de cuidados ambientais, principalmente no início da vida, impede o bebê de fazer uma experiência de Deus mediada pela experiência do cuidado do amor materno. Nos primeiros meses de existência do bebê, no período de dependência absoluta, “a mãe devotada se transforma na imagem e semelhança de seu bebê”, como nos diz o psicanalista Gilberto Safra.

Winnicott é o único psicanalista a desenvolver uma teoria da saúde, que é a teoria do amadurecimento humano, e a partir dela aprofunda o conhecimento dos quadros psicopatológicos e fornece pistas quanto à prevenção de

alguns distúrbios psíquicos, que fragilizam não somente a pessoa, mas a sociedade.

- 4) A psicanálise é acusada injustamente de complexa, hermética, abstrata, excessivamente subjetiva, não-científica, de longa duração, levando a dependências.
- 5) Os próprios psicanalistas, muitos não são cristãos e expõem o pensamento psicanalítico apenas ao público que vai fazer a formação específica, fechando o saber em instituições para tal fim.
- 6) Porém a motivação que mais me chama a atenção é a que eu quero aprofundar neste artigo: a psicanálise se choca com e questiona fortemente um modelo de espiritualidade muito arraigado na antiga formação religiosa. É a chamada *espiritualidade de cima*, quando dissociada da chamada *espiritualidade de baixo*.

A ética da psicanálise

A ética da psicanálise é a acolhida da pessoa humana, a escuta daquilo que ele(a) não sabe a respeito de si mesmo(a), o não-julgamento, além de opor-se ao aconselhamento. Para a psicanálise, a pessoa só adquire maior amadurecimento e integração caso possa reviver, através da figura do analista, seus sofrimentos, traumas, conflitos, inibições e angústias, sem ser guiada por moralismos ou fúria curativa. Muitas vezes a moral de certos cristãos a julgou libertina. É uma inverdade. A questão é mais complexa. Se uma pessoa que procura uma análise apresenta, por exemplo, uma compulsão sexual ou a compras, ou “traiu” o marido, seria infrutífero tentarmos barrar o processo através de conselhos, punições ou puritanismos.

O inconsciente e a história infantil e atual determinam os caminhos, às vezes árduos e tortuosos, para comunicar sentimentos complexos e estratégias de sobrevivência psíquica da pessoa no mundo. O analista precisa esperar que o próprio paciente esteja emocionalmente apto a receber alguma interpretação, para que esta faça sentido e provoque mudanças em sua vida. Em alguns casos e fases da análise,

não devemos sequer interpretar, pois a questão pode estar em torno de deficiências ou distorções no cuidado, em fases muito iniciais do amadurecimento humano.

No belo livro *Inácio de Loyola, sozinho e a pé*, de J. Ignacio Tellechea Idigoras, o autor mostra o deslumbrante processo de integração humana e espiritual de Inácio, que teve de, através de sua fé e determinação, encarar-se e remexer nas entranhas de sua intimidade para iniciar uma nova caminhada:

[...] a Virgem que, um dia, ele vira de verdade. De fato, foi ali e naquela visão que começou sua aventura. Ele tinha nascido pela segunda vez — a definitiva. *Tudo o que acontecera até aquele instante — tantos anos! — tinha sido inútil e vazio.* Deixando esse recinto, desce as escadas e sente uma estranha angústia ante tantas evocações que cada canto lhe traz; entretanto, em canto algum descobre o perfil e a silhueta de sua mãe. Como descobri-los se nunca se haviam gravado em sua retina de modo que pudesse lembrar-se dela. Talvez estivesse agora, no íntimo de sua *existência errante*, fazendo uma busca inconsciente, atrás da mãe que não conhecera. Não seria esta uma maneira instintiva e quase biológica de estancar o sangue da ferida aberta *pela carência materna?* (p. 19).

Ou seja, muitos dos caminhos tortuosos, das sombras e dos desvarios do humano estão diretamente ligados à sua história ou à sua não-história (o cuidado não recebido no início da existência) e ao contexto sociocultural dos quais a pessoa emerge. Assim, devemos seguir algumas máximas de Jesus: “Não julguem para não serem julgados”; “Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem”.

A ética da psicanálise se articula com a chamada *espiritualidade de baixo*. E a *espiritualidade de baixo* se articula com a *espiritualidade de cima* (Anselm Grün).

“A psicanálise é antes de tudo uma cura pelo amor” (Freud). Portanto sua ética e sua práxis sustentam a crença na possibilidade de integração, dignidade e singularidade das pessoas.

Quando escuto religiosos(as) que trabalham nas pastorais sociais, como a Pastoral da Mulher Marginalizada, e

percebo que eles(as) acolhem, escutam, respeitam e não invadem a vida delas, encontro um paralelo com o trabalho analítico de pacientes graves, que necessitam muito além de palavras, cuidado, presença, devotamento, adaptação às suas necessidades afetivas, acolhimento e confirmação de suas existências para formar um eu mínimo que possa desejar algo singular, *a posteriori*. E novamente cito J. Ignacio Idigoras:

Tudo isso confluía para um profundo balanço de sua vida que o levava até sua infância longínqua. Tal regressão à infância era-lhe facilitada pelos cuidados “maternais” de dona Madalena, irmãs, sobrinhos, e pela recuperação do antigo lar (p. 92).

A espiritualidade de cima (Anselm Grün)

Algumas características

1. Começa pelos *ideais* que nos impomos.
2. As metas serão alcançadas pela ascese e por orações.
3. Os ideais serão atingidos pelo estudo da Sagrada Escritura e da Doutrina Moral da Igreja.
4. Nasce do anseio de tornar-se sempre melhor, *sem ou com pouca mediação de outro ser humano para tal fim*.
5. Relação vertical com Deus. Ideais tão elevados, quase impossíveis de ser alcançados.

Riscos

1. As pessoas correm o risco de tornarem-se carrascos consigo mesmas e com os outros.
2. Excesso de repressão ou cisões graves do si-mesmo, mecanismos que dificultam as relações humanas maduras e a transformação da realidade social, política etc.
3. Pode tornar-se válvula de escape a negar nossa humanidade (sexualidade, agressividade, feridas).

Espiritualidade de baixo

1. Em sintonia com a psicanálise e a sociologia. O ser humano só pode aproximar-se de suas verdades históricas e transformá-las através de um conhecimento e de uma modificação em si e da realidade que o circunda. Nos mundos interno e externo, encontramos-nos e fazemos experiências de Deus.
2. Assume, enfrenta e integra suas várias dimensões.
3. O joio é a realidade social injusta e nossas misérias reprimidas ou dissociadas em nosso inconsciente.
4. Um contato verdadeiro com Deus pressupõe um contato verdadeiro consigo mesmo e com os outros.
5. A “Espiritualidade de Baixo” exige que, na caminhada espiritual, entremos em contato verdadeiro conosco e admitamos nossas próprias sombras.
6. A parábola do filho pródigo é o paradigma da espiritualidade de baixo. Retrata nossas buscas autênticas, nosso desejo profundo de encontrar o Deus misericórdia e amor.

Quando as duas espiritualidades se articulam, ocorre o verdadeiro amadurecimento da fé da pessoa e da realidade social do cristão, que não prescinde das ciências, ao contrário, utiliza-as em seu amadurecimento global.

Extremos psicopatológicos em alguns(mas) formadores(as) e candidatos(as) à Vida Religiosa

1º tipo

1. Espiritualidade de cima desconectada.
2. Identificação superficial e maciça com os ideais, carismas e *modus vivendi* da Congregação.
3. Desestruturação psicológica. Negação de suas histórias e do mundo. Alto grau de repressão psíquica.

4. Outros mecanismos de defesa inconscientes usados contra a angústia: cisão do eu, idealização (santo) e negação. Porém, um dia a coisa explode. E como nos ensina Guimarães Rosa: “Aquilo que mais evitamos, convivemos”.

2º tipo

É o extremo oposto do 1º tipo:

1. São os “liberais”: tudo podem, tudo se permitem, nada renunciam: perversões sexuais, muito dinheiro, pouco estudo e pouco compromisso com a vida comunitária.
 2. Relativismo, individualismo, a reflexão é substituída pela impulsividade e o ser, pelo fazer, ter e poder.
 3. Os fins justificam os meios (ética abalada).
 4. Não há espiritualidade de cima ou de baixo.
- Esses pólos extremos utilizam-se de um mesmo mecanismo de defesa para suas impensáveis angústias. Utilizam o convento como um armário, continente concreto, restrito, mas “protegidos” de suas fragilidades psíquicas. O primeiro grupo *isola* suas deficiências afetivas, sexualidade e agressividade, e o segundo grupo *atua* as mesmas com a proteção do armário-convento.
 - Nenhum desses mecanismos pode funcionar por muito tempo. São tentativas frustradas de lutarem contra o vazio, a falta de identidade, depressão ou loucura latentes.
 - Seus mundos interno e externo estão em frangalhos. As projeções e os encapsulamentos de suas terríveis angústias na *mãe-Igreja*, na *mãe-Congregação* são instáveis, e condutas estupefacientes acabam emergindo.
 - Os escândalos, bizarrices, a alienação da realidade social e política, as desintegrações nas relações interpessoais e a falta de sabor na vida religiosa podem originar-se desses fatores. Podem resultar graves danos à própria pessoa, à Vida Religiosa, à Igreja e à sociedade.

Essas reflexões podem lançar luz como um dos balizamentos mais importantes ao processo seletivo das etapas formativas da Vida Religiosa.

Votos na Vida Religiosa

A vida comunitária é a família-ambiente de cada religioso(a)

Família diversa em etnias, classes sociais, costumes, orientações sexuais, faixas etárias, graus diferentes de espiritualidade, experiência, maturidade psicológica e inteligência. Tendo a pessoa de Jesus Cristo como o centro e ponto maior de comunicação, os(as) religiosos(as) não deveriam ver de forma fragmentada as comunidades: "O grupo dos velhos, grupo do governo, dos homossexuais, dos estrangeiros, dos pouco estudiosos etc."

O sentir e o olhar o grupo de forma fragmentada pode conduzir os(as) religiosos(as) ao preconceito, ao isolamento, à falta de intimidade, ao sentimento de não-pertença e à fragilidade quanto aos votos. A vida comunitária torna-se uma ficção e a intimidade sadia, distante. A partilha da vida em suas vitórias e limitações torna-se impossível. *O medo de ser julgado(a), de ser condenado(a) e de não ser aceito(a) me parece ser o principal empecilho à partilha franca de suas vidas, como a que ocorre entre os membros de uma família bem estruturada.*

Submissão e o voto de obediência

A raiz principal da submissão encontra-se em distorções nas etapas iniciais do amadurecimento humano, onde o bebê ainda não constituiu um eu básico. Ele apenas reagiu ao ambiente-mãe formando um falso si-mesmo, reativo às imposições do ambiente que não atendeu a suas necessidades afetivas e a seus gestos espontâneos. Esse eu se defende contra a desintegração e é frágil para lidar com os impulsos da sexualidade e da agressividade. Tais impulsos não são vividos como vindos de dentro, mas como corpos estranhos

que atacam e perseguem esse frágil eu. Por isso a psicanálise winnicottiana foi erroneamente confundida com a psicologia do ego.

Winnicott, como pediatra e psicanalista, partiu da observação direta dos bebês e de suas mães e do atendimento a pacientes graves (esquizóides e *borderlines*). O padrão desses pacientes é refugiar-se em seu mundo subjetivo (esquizóides) — não raros na Vida Religiosa — ou colar-se mimeticamente à realidade não-eu, submetendo-se quase completamente a ela (*borderlines*). A pessoa não vive criativamente, espontaneamente, não é capaz de posicionar-se, mas submete-se aos outros para, segundo o psicanalista inglês, “defender-se e compactuar com as bofetadas do mundo”. Acredito que não poucos candidatos a membros da Vida Religiosa vivem o voto de obediência na submissão e que isso não se deva somente ao autoritarismo de alguns governos das congregações.

Os impulsos sexuais e o voto de castidade

O voto de castidade torna-se complexo nesses casos, pois os impulsos sexuais podem, por vezes, atacar um eu frágil e ser atuados de forma abrupta e clivada (dissociada), sem intermediação de fantasias inconscientes ou elementos simbólicos. Como a Vida Religiosa tem como um dos princípios norteadores o voto de castidade, algumas pessoas passam a vida lutando contra seus impulsos através de um eu fragmentado que tende não a reprimir (defesa mais sofisticada), sentir, renunciar e sublimar, mas clivar ou negar (defesas mais primitivas) seus impulsos sexuais. As consequências disso podem ser a mutilação da sexualidade, da corporeidade, o adoecimento psicossomático ou a atuação da sexualidade de forma destrutiva, primitiva. A afetividade/sexualidade não será vivenciada como dimensão criada por Deus para o saudável sentimento de sentir-se homem ou mulher.

Como a Vida Religiosa apresenta esse voto como fundamental ao pretendente, alguns candidatos a ela ou compo-

nentes dela se encaixam como uma luva às congregações, mas, infelizmente, a partir de bases frágeis.

- Os votos de obediência e pobreza maduras desobedecem à ideologia neoliberal e se inserem na contramão da história, refazendo-a.
- O voto de castidade madura leva a pessoa a usufruir da sexualidade como fonte de amor, de trocas verdadeiras e de poder sentir a atração sexual como parte da natureza humana, criada por Deus: “Tu amas tudo o que existe e não desprezas nada do que existe. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado” (cf. Sb 11,22-26).

Conclusão

A relação do sujeito com a fé, um certo tipo de “fé” descrito anteriormente, pode dar indícios da relação do sujeito com seu grau de amadurecimento humano, sexualidade e agressividade inconscientes, e quanto estes podem estar desintegrados. É necessário e essencial que os(as) formadores(as) tomem consciência desses fatos. Como padre Morano nos disse, “é possível crer depois de Freud, porém provavelmente de outra maneira”. A relação do sujeito com sua fé não deveria ser álibi de aspectos doentios e defensivos, mas fonte de alegria, amor, Vida!

Parte 2

Alguns exemplos clínicos

**(alguns dados foram omitidos e distorcidos
a fim de preservar a intimidade das pessoas)**

Um sacerdote

- Desânimo (fantasia largar o sacerdócio após conversar com uma mulher influente de uma comunidade. Ela o desacata, fala que ninguém gosta dele).
- Motivações inconscientes do desânimo: toda profissão auxilia a reparar nossas tendências destrutivas e a inte-

grar nossa sexualidade. No caso dos sacerdotes, principalmente a sexualidade genital. Quando não reconhecido (confirmado) em sua vocação, essas tendências inconscientes podem tornar-se mais fortes... e culpabilizar (inconscientemente) a pessoa. O sentimento e o momento depressivo de desânimo surgem e ameaçam o sacerdócio. Isso é mais comum do que imaginamos. Além disso, neste caso específico, houve associações e conexão entre a mulher de hoje e as mulheres de sua história infantil, que feriam sua estima.

Um formador

Certo formador ocupou essa função não por desejo, mas para cobrir uma lacuna quanto à falta de pessoal. É uma pessoa honesta, responsável e de bom nível intelectual, formação humana e espiritual. O formador anterior era permissivo às questões de limites e os formandos tiveram um grau de “liberdade” acima dos limites corretos, fato propício ao individualismo e ao relativismo. O formador sofre pressão dos formandos, que fazem comparações e se habituaram a esse “estilo de vida”. Na psicoterapia, levanta um conflito quanto à intuição e percepção de que um dos formandos, ainda sem ter feito os votos perpétuos, não apresenta vocação para viver em vida comunitária.

Ele vai empurrando com a barriga, se diz satisfeito e, quando aponto seu comportamento, me diz que vai mudar e que eu estou certo, mas tudo continua na mesma. Vai mal na escola e não se comunica com quase ninguém. Após os votos, a Congregação tem como hábito aceitar o(a) formando(a) como está.

Ao aprofundarmos, o paciente elabora os seguintes pontos:

- 1) Medo da Congregação de encarar a questão de frente em casos como este e cometer alguma injustiça com o candidato.
- 2) Antes dos votos, a Congregação tem mais vigor e, caso necessário, aponta o caminho de casa para o candidato, mas, depois dos votos, tudo fica mais difícil.

- 3) O formador, em determinado momento, disse na sessão: “Tenho medo de *destruir* a vida dele ao sugerir que vá embora”.
- 4) Os colegas comentam entre si sua insatisfação com o formando, mas procuram proteger o grupo e não discutir a questão diretamente com o formador.
- 5) Em nenhum momento foi proposto ao estudante um processo de psicoterapia para auxiliá-lo no discernimento. Isso não foi cogitado, apesar de a Congregação ser favorável a esse tipo de trabalho.

Pontos elaborados pelo formador durante a análise

- 1) A necessidade de maior grau de comunicação do mesmo com a equipe de formação.
- 2) Reconhecimento dos sentimentos de raiva e de impotência não só quanto ao estudante, mas também quanto ao formador anterior e pelo fato de estar em uma missão (formação) não de forma planejada e desejada, mas por precisarem dele.
- 3) Sua percepção quanto ao fato de o estudante precisar de ajuda psicológica devido às suas inibições e comportamentos repetitivos pouco criativos e fechados, além de auxílio no discernimento vocacional.
- 4) A *fantasia* de destruir a vida do estudante.
- 5) Aceitação interna de quem está se excluindo da vida comunitária, dos aprendizados, dos estudos, e é o formando.

Fica a questão: de onde vem tanta culpa institucional e de alguns(mas) formadores(as)? Por que impor limites, um ato de amor, é tão difícil a alguns? *Os próprios conflitos dos(as) formadores(as) e da Instituição são o maior empecilho.*

Por fim, fica constatado, por vários casos de análise, que, quando um estudante vai para o seminário, boa parte do seu comportamento relacional é uma *reprodução inconsciente*, uma forma de relacionamento que ele teve com sua família de origem. A fé e um bom ambiente auxiliam nas mudanças que precisam ocorrer, mas tomar consciência dessa dinâmica familiar de origem, do interjogo pessoa e outros

significativos (ambiente) que constituíram o psiquismo do formando(a), é fundamental, principalmente para os candidatos que apresentam maiores dificuldades no cotidiano do processo de formação.

O processo inicial de seleção é de vital importância e deveria ser mais rigoroso. O mais importante continua sendo a qualidade e não a quantidade de candidatos. Mesmo os que são selecionados muitas vezes precisam, no decorrer do processo de formação, de ajuda psicológica.

Um outro formador

É comum deparar-me, nas psicanálises individuais, com um tipo de religioso(a) que apresenta como traços marcantes de personalidade a tríade perfeccionismo-rigidez-ativismo (executar, fazer, impor-se e exigir dos formandos muitas tarefas e deveres). Há excesso de responsabilidade e cobrança.

Um formador, ao trabalhar extensa e profundamente o tema em análise, começou a perceber como, inconscientemente, estava cobrando dos formandos o excesso de exigências no qual sempre se sentiu mergulhado em casa. Conseguiu perceber o quanto contribuía para a desistência de seus formandos em relação à Vida Religiosa, fato que o estava deixando bastante deprimido e que o levava à análise.

O formador era um dos filhos mais velhos de uma prole numerosa! Durante seu processo apareceu, aos poucos, uma mãe honesta, trabalhadora, porém sobrecarregada. O paciente captou que só seria valorizado, reconhecido, diferenciado, caso estruturasse, como estratégia de sobrevivência infantil, uma grande ajuda à mãe no cuidado com os filhos menores (os formandos, em seu inconsciente). Ao entrar para a Vida Religiosa, a história se repetiu e seu primeiro formador o elogiava pelo que *fazia*, pelo que cumpria, por sua responsabilidade e capacidade de trabalhar.

Essa última relação cristalizou seu comportamento formatado, padronizado em deveres e tarefas. O ser, o humor, a espontaneidade e a criatividade foram aos poucos deixados

de lado. Porém, na contratransferência, pude vivenciar sentimentos de rejeição em relação ao meu cliente e, quando metabolizei tal carga pesada de afetos, pude perceber algo fundamental e bem além do já conhecido. O paciente fazia-me sentir na pele, através da contratransferência, partes de seu inconsciente, ou seja, como se sentia rejeitado por sua mãe enquanto bebê.

Como num quebra-cabeça chinês, mais uma peça importante veio à tona. O inconsciente de sua mãe emitia mensagens que foram percebidas pela criança como rejeição e desamor e, aos poucos, o menino foi-se moldando e executando os desejos maternos para sentir-se amado. No caso, como vimos, ser muito bem comportado e co-responsável na criação dos irmãos. O paciente obteve, com o tempo, uma grande melhora e as relações no processo formativo se tornaram fluidas e gratificantes para ambos os lados. Ele deixou de apenas fazer e exigir e tornou-se presença no meio dos formandos.

Uma religiosa

Uma religiosa relata a perda da irmã mais velha faz nove meses, chora muito, descreve detalhes da doença e da morte da irmã, mas não consegue, até a psicoterapia, falar de seus sentimentos e o que a irmã representava para ela. A irmã, na verdade, foi sua principal representação *materna*: cuidados, atenção, diálogo, liberdade e até incentivo para a vocação à Vida Religiosa. O difícil de suportar e elaborar é o vazio que a morte repentina deixou em seu coração. A paciente acredita na ressurreição da irmã-mãe, mas não suporta a falta que ela faz em sua vida. Com isso, atua no sentido de não falar do assunto na Vida Religiosa e de não ir ao cemitério ou à casa onde viveu a irmã, inconscientemente negando sua morte. Obviamente, isso afeta a sua atuação como formadora e sua qualidade de vida como ser humano, colocando-a próxima à depressão ou ao luto patológico. Pelo fato de ser formadora, sente-se inibida para colocar-se diante da comunidade. Trabalhamos, na análise, o quanto

isso é importante e vem ao encontro de um dos objetivos da Vida Religiosa: uma partilha fraterna, inclusive das dores.

Outra paciente não consegue diferenciar sozinha o sentimento de cansaço do sentimento de desânimo. Este último é um tabu para ela e sentir-se-ia culpada caso estivesse vivenciado isso. No decorrer de suas associações, fala sobre sua mãe velhinha, atualmente prostrada na cama e com crises de depressão. Percebe que se está confundindo com a mãe e que seu estado é diferente do dela: sente-se cansada pelo excesso de atividades e precisa, nas próximas férias, aproveitar para relaxar, pois, nas últimas, ficou cuidando da mãe.

Psicanálise e eneagrama

O eneagrama, além de outras características, é um método descritivo de caracteres psicológicos que leva em conta as habilidades pessoais, suas possíveis integrações e desintegrações e qual o afeto nuclear desconhecido, com consequente mobilização de mecanismo de defesa inconsciente específico para lidar consigo e com a vida. Visa um maior conhecimento de si mesmo e melhor aceitação das pessoas. Podemos estabelecer alguns estudos entre tipo 1 do eneagrama e certo tipo de relacionamento mãe-infante que a psicanálise nos ensina.

Certas mães apresentam um modo de cuidar de seus bebês que se aproxima ou sustenta as características descritas pelo tipo 1.

O tipo 1 não é raro na Vida Religiosa. Daí meu interesse em fazer essa articulação entre eneagrama e psicanálise.

Tais mães e pais foram cuidadosos, esmerados, amaram, mas excederam nas cobranças e deveres. Traduzindo: “Sejam bons, não tenham raiva, sejam limpos, muito educados e estudiosos, tomem distância das questões genitais, controlem a agressividade etc.”

A raiva reprimida (recalcada) é o mais importante e precioso sentimento a trabalhar na vida e ser vivenciada em uma análise dessas.

A raiva poderá ser endereçada aos pais, principalmente a essa mãe, e o medo de perder o amor dela e sentir-se abandonado e culpado — depressão — são as grandes dificuldades a ser elaboradas. Algumas pessoas apresentam defesas obsessivas, na tentativa de controlar suas fantasias inconscientes. Obviamente, é na relação com o analista que isso, aos poucos, acontece. Qualquer símbolo materno e/ou paterno que represente esse perigo pode resultar em crises vivenciadas por tais religiosos(as).

Conclusões

Acredito que muitos formadores(as) vivam mergulhados, sem saber, nesse funcionamento psíquico neurótico e neurotizante, algo obsessivo, e acabam contribuindo ou para a saída de formandos da Vida Religiosa ou para uma exacerbação da neurose dos formandos. Muitos(as) formadores(as) e formandos(as) apresentam exatamente esse padrão materno e familiar e, apesar das singularidades das histórias, esse mecanismo pode ser um dos motores no funcionamento psíquico deles. Internalizaram essa cobrança e o medo de ser rejeitados por partes de si mesmos. Passariam, sem saber, a não se amar caso se sentissem e vivessem fora desses padrões habituais.

O cultivo apenas da chamada espiritualidade de cima (aquela à qual só o caminho das virtudes e dos ideais interessa, sem levar em consideração a história da pessoa e seus conflitos) pode exacerbar esse funcionamento e impedir a integração de partes importantes e desconhecidas de suas psiques.

Parte 3 **Algumas dicas aos(às) formadores(as)**

- Evitar dar conselhos, porque impedem a capacidade de reflexão dos(as) formandos(as).
- Saber encaminhar, discernir o momento em que o(a) formando(a) precisa de ajuda especializada.

- Cuidado com o verticalismo, o dogmatismo e o autoritarismo. Cada formando(a) pode estar estagnado em um ou vários estágios do amadurecimento humano.
- O(a) candidato(a), por falta de vocação ou desintegração psicológica, é quem se exclui da Vida Religiosa.
- A relação assimétrica entre formador e formando é necessária, pois formador não é amigo e já fez um percurso maior na Vida Religiosa.
- Os sentimentos dos(as) formadores(as) em relação aos(às) formandos(as) não devem ser negados para si mesmos(as), mesmo que pareçam absurdos.
- Conversas forçadas dificilmente são proveitosas.
- Laxismo ou legalismo: evitar a ambos.
- Para psicoterapia são requisitos básicos: desejo e sofrimento.
- Procurar esboçar tipo de fê e estruturação psíquica do candidato à Vida Religiosa.
- Excesso de repressão ou negação pode ativar repentinamente hetero ou homossexualidade reprimida.
- Sublimação apresenta níveis e graus. Depende da história pessoal e do grau de espiritualidade.
- Pode ocorrer por parte dos(as) formadores(as) excesso de controle, o que gera sentimento no(a) formando(a) de invasão de privacidade.
- Ressaltar as qualidades dos(as) formandos(as), seus esforços, seus dons.
- Diferenciar obediência de submissão.
- Formadores(as) devem manter singularidade e não colocar-se em uma fôrma.
- *Diferenciar o em comum do in-comum* em relação aos(às) formandos(as).
- Alguns(mas) formandos(as) queixam-se de um verticalismo desanimador: não há justiça na distribuição de direitos e deveres. Alguns(mas) religiosos(as) que estão em cargos mais altos vivem “regalias” e “maltratam” os(as)

formandos(as). A comunidade da casa precisa conversar em conjunto e trabalhar soluções específicas para cada caso.

- É possível o(a) religioso(a) gostar mais de uma pessoa e não necessariamente indicar “amizade particular”.
- Mudança de humor: próprio do ser humano, principalmente na adolescência. Caso haja uma predominância do mau humor, essa pessoa pode estar sofrendo de um distúrbio chamado *distímia* (uma depressão crônica e menos chamativa). O transtorno necessita uso de antidepressivos e psicoterapia.
- Formador(a) é facilitador(a) e não responsável pelo processo de amadurecimento do(a) formando(a).
- No meio religioso, não é raro o trauma real causado pelo abuso sexual, violência física ou abandono real por um dos genitores. O que ocorre, geralmente, é uma lembrança do acontecido, do fato (depende da idade), mas diversos afetos só poderão ser realmente vividos em condições especiais, como as de uma análise.

Os afetos (culpa, ódio, vingança, ódio de si mesmo por identificação do agressor, descrença na relação humana, desesperança), *uma vez inaugurados*, sentidos e nomeados, promoverão a necessária integração do eu.

Há uma dissociação de parte da personalidade como mecanismo de defesa. A *angústia* não pôde ser vivenciada e desdobrada em raiva, comunicação com o outro, representação em palavras, e a mesma dissociou essa parte da totalidade da personalidade.

Obviamente, nenhuma interpretação ou aconselhamento — mesmo que corretos — alcançará mudanças na pessoa. Somente quando o paciente, no seu ritmo e ao confiar no analista, descongelar a situação é que os afetos poderão vir à tona, com respectiva e gradual integração da personalidade e avanços na vida comunitária e espiritual.

Os sonhos, nesses casos traumáticos, não serão conciliações entre desejo e censura, mas fragmentos doloro-

sos de partes do traumático, tentativas de elaboração e integração do fato real. Por exemplo: paciente abusada sexualmente, após meses de análise, sonha com um vaso esfaçalhado — ela mesma e sua feminilidade — e, com a ajuda de um profissional — seu psicanalista —, consegue, no sonho, unir os cacos do vaso, refazendo-o. O vaso torna-se bonito e artístico.

- Conhecer bem a estruturação da província:
 - 1) Relação governo x pessoa (religioso[a] em sua singularidade)
 - 2) Relação entre os membros do próprio governo
 - 3) Relação governo x comunidade
- A escolha de um(a) provincial e de um governo provincial não deveria ser pautada somente em critérios tais como o técnico-administrativo, a inteligência, o tempo de casa ou amizade. A dimensão afetiva-relacional-espiritual é de extrema importância. A equipe de governo precisa conhecer-se e não ter medo de seus afetos. Saber usar seu poder para servir. Não é raro faltar diálogo.
- Ter o carisma da Congregação não significa, para o religioso, sentir-se à vontade em todas as funções ou ocupações. Às vezes, é o(a) religioso(a) que não consegue perceber ou falar claramente sobre suas habilidades e limitações. Às vezes, é o próprio governo que se coloca de forma autoritária. Pode ser que os dois lados não percebam a situação de conflito.
- Nas casas, o controle, às vezes, é excessivo (freio de mão) em atividades que podem ser decididas pelas próprias comunidades.

A provincial ocupa o lugar da mãe-ideal (no inconsciente dela mesma e no das irmãs)? E as religiosas podem ser emocionalmente sentidas, vivenciadas como filhas? É muito comum a angústia sobrevir devido ao conflito: como amar e acompanhar todas essas filhas? Principalmente se a relação da provincial com sua mãe real foi difícil, apenas operacional e pouco feita de cuidados e devoção.

- Os(as) analistas, os(as) formadores(as) e todas as profissões do cuidado precisamos estar preparados para criar o ambiente facilitador, principalmente aos mais adoecidos: cuidar, ser presença, apresentar certo grau de flexibilidade e previsibilidade, não invadir a intimidade da pessoa, sobreviver às agressões e não retaliar, fornecer realidade em pequenas doses e acreditar na tendência inata da pessoa humana ao amadurecimento e à integração, caso encontre, processualmente, esse ambiente suficientemente bom. A destrutividade e a desintegração são conseqüências do não-cuidado ou de um cuidado invasivo ou operacional.
- Pacientes graves, quando em análise, necessitam chegar à “regressão à dependência” ou “descongelamento de núcleos psicóticos”. Esse fenômeno demanda tempo e cuidado, pois somente quando a confiança do paciente no analista é estabelecida, quando o ambiente é suficientemente bom (casas de formação, relação com o analista devotado), isso acontece. A regressão pode assustar os(as) formadores(as), que esperavam uma integração rápida com a análise e sem tanto sofrimento.

Em *Inácio de Loyola, sozinho e a pé*, J. I. T. Idigoras escreve:

O ser humano tem, em seu coração, recantos que ainda não existem, onde penetra a dor para que existam. Existiam, sim, estes lugares, mas era como se não existissem. A aspereza da dor possui força mágica para revelar-nos músculos ou medula de ossos nunca sentidos até a sua chegada e, igualmente, descobre rincões do coração nunca explorados nem assumidos (p. 91).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual a importância que damos aos aspectos humanos no processo formativo?
2. Somos capazes de abordar com maturidade e seriedade questões sobre a afetividade e a sexualidade em nosso ambiente?
3. Somos capazes de integrar a espiritualidade com os aspectos humanos que nos caracterizam como pessoa?

Bibliografia

- DEL-FRARO FILHO, José. *Os obstáculos ao amor e a fé*. Uma articulação fecunda entre a espiritualidade cristã e a psicanálise. Inédito.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI: O futuro de uma ilusão (1927).
- GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- IDIGORAS, J. Ignacio Tellechea. *Inácio de Loyola, sozinho e a pé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- MORANO, Carlos Domingues. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ROHR, Richard; EBERT, Andreas. *O eneagrama*. As nove faces da alma. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAFRA, Gilberto. *Encontro e devoção*. Texto retirado da Internet. Homepage. Edições Sobomost.
- WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

O dom da grande pesca. A última aparição de Jesus aponta para o ser missionário da comunidade (cf. Jo 21,1-14)

PAULO SUESS*

O quarto evangelho começa com um prólogo (“No princípio era o Verbo...” – Jo 1) e fecha com um epílogo (Jo 21), um relato enigmático em torno de uma terceira aparição de Jesus depois da Páscoa. O texto é um apêndice redacional. Não se encaixa numa seqüência linear, porém é muito interessante para uma leitura simbólica e existencial. O trecho Jo 21,1-14 é a primeira parte desse epílogo e procura responder à pergunta da comunidade: como avançar e para que atravessar a história sem a presença de Jesus histórico? Atrás da pergunta está a memória de uma perda, o sentimento de uma orfandade, o esclarecimento de um mal-entendido, o desafio da esperança.

Desde o início, os discípulos esperavam o restabelecimento do reino de Israel. As aparições pós-pascais não corresponderam a essa expectativa. Os primeiros cristãos esperavam um retorno definitivo de Jesus. Mas o dia da segunda vinda do Senhor, a parusia, que são Paulo chama de “o dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Cor 1,8), não aconteceu, como se esperava. Ficou cada vez mais adiado, como o horizonte de uma miragem no deserto. O vazio, o abandono, a solidão, a escuridão da noite, a rotina do trabalho corriqueiro dominam a paisagem do texto.

A terceira aparição de Jesus é conclusiva para organizar a experiência de fé dos discípulos (“o que sabemos”), para continuar o projeto de Jesus e assumir a travessia da história como missão (“o que devemos fazer”) e para impulsionar e redimensionar a sua esperança (“o que nos é permitido esperar”).

* **Padre Paulo Suess** é alemão, doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Münster (Alemanha). Desde 1979 é assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Atualmente, é professor na pós-graduação em Missiologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
Endereço do autor: Caixa Postal 46023, cep 04046-970, São Paulo-SP.

O que mudou na cotidianidade pós-pascal da comunidade? Os cristãos não experimentam mais a presença corporal ou imaginária do Senhor através de aparições. Aparentemente, tudo voltou à normalidade da vida corriqueira. O novo não está na novidade dos fatos, mas no olhar novo sobre aquilo que aconteceu entre os que seguiram Jesus. O novo olhar da fé abre na realidade transfigurada o caminho da missão. O peixe não é mais um simples peixe. Pelo encontro com Jesus, revela um significado novo e aponta para a assunção e redenção da vida cotidiana por Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador.¹

Nada está fora do horizonte desse novo olhar, lançado sobre a realidade mutilada pelo pecado e, ao mesmo tempo, ainda com o brilho do primeiro dia da criação. É preciso descobrir o que está acontecendo na Vida Religiosa e na minha vida. Parece que falta algo. Esperávamos o Messias antes do tempo. Que quer dizer antes do tempo? O Messias virá quando todos os convidados encontrarem um lugar à mesa.

Os discípulos aprendem no “apanhar nada” e no “apanhar muito”, na cruz e na glória que atravessam a sua vida. A energia da graça redentora corre entre os pólos opostos do dia e da noite, entre a plenitude e o vazio, entre a terra firme e as ondas do lago, entre ruptura e continuidade. A comunidade eclesial está-se construindo na tensão entre o pecado e a santidade. Existem outros nomes para essa realidade tensa. Uns a denominaram dialética (Marx), outros ambivalência (Freud). Jesus não quer pessoas perfeitas, mas inteiras, que saibam conviver com seus anjos e olhar de frente (enfrentar) seus demônios.

Nada que faça parte de nós deve ser excluído. A comunidade precisa aprender a ser adulta, não excluir ninguém e integrar os opostos, representados nos arquétipos de Pedro e João. Um é ambivalente como a pedra que pode fazer tropeçar, mas que pode também servir como pedra fundamental. A partir dessa identidade ele afirma e nega a presença de Jesus e lidera a Igreja. O outro, João, aponta com seu nome para o “Deus que é misericórdia” e a partir de sua

1. O peixe, signo criptográfico dos primeiros cristãos na clandestinidade das catacumbas, apontava para essa densa teologia. Peixe, na língua grega, é *ICHTYS*. Cada letra escondia um qualificativo divino de Jesus: *Ie-sus, Chrestós, Theós, Yiós, Soter* – Jesus, Cristo, Deus, Filho, Salvador.

identidade anuncia o Deus-amor. A integração de ambas as qualidades na vida de uma pessoa ou comunidade é o processo de sua individuação.

No texto que refletimos (Jo 21,1-14), a comunidade eclesial é representada por sete discípulos (Pedro, Tomé, Natanael, Tiago, João e mais dois discípulos anônimos). No pensamento semítico, sete é o número simbólico da plenitude. Nos sete discípulos está representada a plenitude do novo Povo de Deus, a Igreja. Mas dos sete discípulos só cinco são nominados. Como no evangelho de São João tudo é simbolicamente elaborado, também esse detalhe tem seu significado simbólico.

Aponta para a construção da quintessência, para a convivência de arquétipos muito diferentes numa unidade sem exclusão, na coincidência individual e coletiva dos opostos, como os místicos postularam (cf. N. Cusanus). Ao mesmo tempo, podemos dizer que nessa comunidade dos sete nem todos encontraram a sua identidade. Estão em busca de um nome. Tudo ainda está aberto.

A plenitude dos sete e a unidade e inteireza dos cinco representam, simbolicamente, os ideais da comunidade eclesial. Pedro vai à frente ("vou pescar"), mas a palavra que desamarra o nó é de João, do discípulo que Jesus amava: "É o Senhor!" Como em muitos mitos indígenas da América, Pedro e João são os gêmeos que representam qualidades humanas opostas que precisam ser integradas na vida de cada um e nas comunidades: ação e contemplação, liderança e amabilidade. Em cada um e em cada uma existem as qualidades psíquicas de Marta e Maria e de Pedro e João. O amor é o reconhecimento do outro na intuição da fé. A ação transforma aquilo que simplesmente é em esperança do vir a ser através do ser-vir.

O reconhecimento do Senhor dá ao trabalho profissional da pescaria uma nova dimensão. Não se trata mais de uma simples pescaria. Pescaria e pescadores tornam-se imagem da plenitude da vida e da unidade da missão. O amor vai mais fundo que o conhecimento profissional, mas sem conhecimento prático-técnico o reconhecimento não se

transforma em ação. Uma boa teoria (visão) produz uma boa prática. Visão e ação, fé e amor são inseparáveis. Na segunda parte desse epílogo (21,15ss), também de Pedro é cobrado o amor ao Senhor, como pressuposto do pastoreio, o amor do reconhecimento e da entrega total (martírio). A jovem comunidade eclesial ainda não oferece espaços para uma divisão de trabalho entre “profissionais” e “amadores” ou entre pescadores em missão e pastores administradores em casa.

As perguntas de Jesus no evangelho de João são pedagógicas e terapêuticas. Ele não pede propriamente informações, mas dá às pessoas, por meio de suas perguntas, a oportunidade de reconhecer a sua situação existencial. A pergunta de Jesus: “Crianças, tendes algo para comer?” fez os discípulos reconhecerem que não tinham nada para comer. Não ter nada para comer significa ter fome. Significa não estar preparado para o banquete com o Messias. Ninguém gosta de dizer que não tem nada para repartir, que sua vida não faz sentido e que vive à toa. Assim, a pergunta é uma oportunidade de responder espontânea e sinceramente a si mesmo, resposta de criança que está dentro de cada um, resposta sem culpa e sem medo.

A pescaria no lago Tiberíades aponta para a missão; o pastoreio cobrado de Pedro já visa a posteriores cuidados “pastorais”. O pastor precisa de um olhar amoroso que vai além de seu curral, e o pescador precisa de um olhar apurado para o discernimento diante da multidão dos peixes. Não é sempre possível levar para casa tudo o que se puxou para a praia. Contudo, a unidade não se rompe pela multidão dos peixes, mas pela estreiteza do curral. A comunidade eclesial vive concomitantemente a pescaria e o pastoreio, a missão em alto-mar e o cuidado pastoral em terra firme. Juntar as ovelhas e guardar os peixes, assunção e redenção são tarefas permanentes na Igreja.

O dom da rede cheia do pescador, no fim da noite, torna-se tarefa para o dia do pastor: discernimento, cuidado, partilha, testemunho, anúncio. Ao entardecer, ele se torna novamente pescador e sai da terra firme para o mar. A noite

é ambivalente, não garante nada. Ela é mãe da plenitude e do vazio, de paz e ciladas, da ceia fraterna e da traição, do silêncio e do medo. A noite é o reinado do inconsciente. Ela guarda sonhos e pesadelos.

Para abrir uma porta é preciso saber se ela abre para dentro ou para fora. Também para jogar a rede existem dois lados: um lado simbolicamente certo e outro simbolicamente errado. No juízo definitivo, o lado direito é o lado dos “benditos de meu Pai” (Mt 25,34), e o lado esquerdo é o dos “malditos”. Ainda hoje, nas línguas latinas, “sinistro” não significa apenas “esquerdo”, mas, sobretudo, “de má índole”, “mau agouro”, ou simplesmente “algo desastroso”. Na psicologia profunda de Jung, o lado esquerdo é também o lado do inconsciente e o lado direito é o lado do consciente.

Passar do lado esquerdo do barco para o lado direito pode ser comparado ao que Freud chamou de processo de transformação do *id* em *ego*. O *ego* adulto é autodeterminado; é o sujeito autônomo, sujeito à lei que ele mesmo se deu; não vai na onda; é cristão por opção. Faz parte de uma comunidade que convida a todos a levantar a cabeça, porque o Senhor está perto. A proximidade de Deus é a razão da nossa coragem, vulnerabilidade e alegria (cf. Fl 4,5).

Deus, no mundo limitado da humanidade, está como a esperança, rodeado pelo perigo da posse e do conformismo. Todas as religiões passam por esse perigo de afirmar que possuem a verdade que anunciam. A posse acaba com o anúncio e com a esperança. A esperança é aquela luz vermelha que avisa: está faltando algo naquilo que está acontecendo, na sociedade, na Igreja, na Congregação. Não se trata de exigir um pouco mais de liberdade, um pouco mais de igualdade, um pouco menos de violência ou de autoritarismo. A esperança não aponta para algo *mais* ou *menos*. Aponta para algo totalmente diferente. Esse diferente podemos descrever como Reino.

A lógica do Reino não propõe melhorias nos aparatos institucionais ou nos sistemas, mas algo radicalmente diferente e indizível. Por isso ela não deve ser confundida com segu-

rança, confiança, progresso ou futuro. A esperança está rodeada por perigos e pode fracassar. A luta entre o instalado e o possível é eterna.

Lançar a rede à direita do barco (cf. Jo 21,6) simboliza uma intervenção bem pensada. O convite de Jesus: “Lançai a rede à direita do barco!” significa, como todos os seus convites: seja adulto; mude de atitude, não de parceiros ou lugares; faça aquilo que falta, mas o faça de outra maneira; trabalhe o mundo, consciente de sua imanência divina, revelada aos que têm olhos novos. Tua missão se encontra na vida cotidiana. Transformação significa anunciar e viver a dignidade do primeiro dia de criação.

Reverendo o passado, os discípulos reconheceram que estavam trabalhando no lado errado, determinado por outros que os não deixaram crescer. Agora a sua tarefa é resgatar esse passado vazio e nu, dando a ele novo sentido e rumo. O dom da grande pesca faz perceber a nudez do esforço irracional que cede à pressão dos outros, das modas, das convenções, do culturalmente correto e dos sistemas apenas para adaptar-se. Só depois de vestir a camisa do ser adulto, do dom e do serviço faz sentido atirar-se ao mar. A nova consciência transforma tudo. A vida ganha a plenitude da rede, torna-se vida em abundância. Essa vida, em sua inteireza, torna-se transparente. Em tudo se pode perceber o dedo de Deus. O desconhecido na terra firme da praia se revela *enviado* do Pai: É o Senhor. E o Senhor é o irmão universal de todos.

O desconhecido do outro lado, reconhecido como o Senhor, é o centro da comunidade. Ele convida, aproxima-se, chega, reparte pão e peixe, que simbolizam terra e céu. Na comunhão eucarística, nos símbolos do pão e do peixe, Jesus, o Deus que salva, permanece para sempre. Eis o segredo da pesca, que só é grande como a multiplicação dos pães (cf. Jo 6,13), através do novo olhar, que não está impressionado pela quantidade, mas que percebe o mundo em sua qualidade original como presença, obra e imagem de Deus. O que transfigura a vida é essa presença acolhida na ação de graça. O que vinga na missão é dom e partilha de pão e

palavra. O Messias virá quando todos tiverem um nome e um lugar na mesa. Até lá anunciamos a razão da nossa esperança: tudo pode ser diferente e, para que isso aconteça, a luta continua.

***Questões para ajudar a leitura
individual ou o debate em comunidade***

1. Qual nossa experiência da presença de Jesus no cotidiano de nossa missão?
2. Em que nível está a dinâmica da inclusão em nossas comunidades e nos grupos onde atuamos?
3. Como vivemos a esperança, a partilha e o respeito às diferenças?



CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

- 1.** Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
- 2.** Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
- 3.** Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
- 4.** Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
- 5.** Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.